

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

**LUIZ ANTONIO ARRUDA**

**A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS E O DESPERTAR DO  
DISCIPULADO NO EVANGELHO DE LUCAS**

**São Paulo  
2017**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**  
**LUIZ ANTONIO ARRUDA**

**A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS E O DESPERTAR DO**  
**DISCIPULADO NO EVANGELHO DE LUCAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Teologia. Orientador: Professor Me Pe Mauro Negro, OSJ.

**São Paulo**

**2017**

**LUIZ ANTONIO ARRUDA**

**A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS E O DESPERTAR DO  
DISCIPULADO NO EVANGELHO DE LUCAS**

Relatório final, apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

São Paulo, 11 de Agosto de 2017

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: Professor Me Pe Mauro Negro, OSJ.

Avaliador: Professor Pe Rodrigo Pires Vilela

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço e dedico este trabalho, primeiramente a Deus, fonte da vida e de todo conhecimento, por ter me iluminado e dado força e coragem nessa caminhada.

Ao meu orientador Professor Me Padre Mauro Negro, OSJ, pela disponibilidade e paciência durante a orientação deste trabalho. A todos os professores que, durante esses anos, me conduziram. Aos meus amigos de classe pelo incentivo e pelo apoio.

À minha esposa Aliene, por estar sempre ao meu lado, incentivando e apoiando, pacientemente, esta jornada.

Aos meus filhos Rafael e Raquel, à minha nora Débora, à minha neta Maria Eduarda e ao Elvis que sempre me encorajaram a avançar.

À minha mãe Maria, a minha irmã Maria Aparecida, ao meu cunhado Valdir e aos meus sobrinhos Gabriel, Vinicius e Guilherme pelo carinho dedicado.

Também ao Guilherme e aos demais irmãos e irmãs de minha comunidade, da Paróquia Nossa Senhora de Fátima de Jundiaí, SP, por partilhar, compartilhar e motivar minha caminhada.

Enfim, meu agradecimento especial ao querido amigo Padre Marcilio Gragefe por despertar em mim o amor ao Senhor Jesus.

## RESUMO

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**A Transfiguração de Jesus e o Despertar do Discipulado no Evangelho de Lucas**” foi mostrar, objetivamente, a Transfiguração de Jesus (Lc 9,28-36) como fator determinante para que os discípulos, identificando-se com Jesus, decidissem segui-lo, compartilhando com ele seu modo de viver e sua missão. Merece destaque observar a pedagogia utilizada por Jesus para despertar o seu discipulado. Ele separa três de seus discípulos (Pedro, João e Tiago) das atividades cotidianas e os convida a subirem, juntos, à montanha, para orar. Outra peculiaridade salientada é a ênfase cristológica presente na obra de Lucas. A mensagem de Jesus é destinada, prioritariamente, aos excluídos, aos pobres, às mulheres e aos mau afamados, mostrando a preocupação de Deus com os humildes e oprimidos. “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6,20b). Escrito a partir do evento Pascal, o Evangelho de Lucas acentua que a prática de Jesus transcorre na história. Sua missão adquire significado nas palavras, nas ações e nos ensinamentos cotidianamente vividos junto aos excluídos. Portanto, pode-se afirmar que a práxis de Jesus é: processual (histórica e desenvolvida com base em ações e reações concretas), encarnada (a partir da realidade econômica, política e religiosa de um povo) e conflituosa (algo não desejado, mas inevitável, em razão da contradição entre o Reino de Deus e a realidade social da época). O encontro definitivo com Jesus Cristo Vivo e Ressuscitado transformou o medo dos discípulos em coragem. Pedro lembrou-se das palavras do Mestre: “Não tenhas medo”! (Lc 5,8) e a tristeza deu lugar a alegria. A experiência vivida e a conseqüente transformação por que passaram os discípulos se deu pela ação do Espírito Santo, derramado que foi em Pentecostes. O Espírito Santo foi preparando os corações dos discípulos conforme eles mesmos, aos poucos, abriam espaço, a partir do desejo e da saudade que tinham de estar com Jesus. Jesus se aproxima dos seus de maneira tranquila, sossegada e despercebida. E neles faz sua morada.

**Palavras-chave:** Transfiguração, pobres, discípulos, caminho, seguimento, Filho de Deus, Filho do Homem e Reino de Deus.

## ABSTRACT

The objective of this final course assignment, called **“Jesus’ transfiguration and the awakening of the discipleship in Luke’s gospel”**, was to show, objectively, the transfiguration of Jesus (Luke 9,28-36) as a determinative factor so that the disciples, identifying themselves with Jesus, had made the decision to follow him, sharing with him his way to live and his mission. It is worth to observe the pedagogy used by Jesus to awake his discipleship. He had separated three of his disciples (Peter, John and James) of day by day activities and invited them to come up, together, the mountain to pray. Other particularity presented is the Christological focus present in Luke’s gospel. Jesus’ message has by receivers, mainly, the excluded ones, the poor, women and the bad famed, showing God’s concern with the humbles and oppressed. “Blessed are you who are poor, for your is the kingdom of God.” (Luke 6,20b). Written starting from the Pascal event, Luke’s gospel accent that the practice of Jesus transcends in the history. His mission gets meaning in the words, actions and in the daily teachings lived along with the excluded. Therefore, it is possible to affirm that Jesus praxis is: procedural (historic and developed with basis in concrete reactions), incarnate (starting from the economic, politic and religious reality of people) and conflicted (something not desired, but inevitable, because of the contradiction between the Kingdom of God and the social reality of those times). The encounter with Jesus Christ alive and resurrected changed the disciples’ fear in courage. Peter remembered the Master’s words: “Don’t be afraid!” (Luke 5,8), the sadness was replaced by happiness. The experience lived and a consequent transformation that the disciples had passed happened because of the action of the Holy Spirit, spilled in Pentecost. The Holy Spirit had been preparing the disciples’ hearts as themselves, slowly, opened the space, starting from the desire and the missing that they had of being with Jesus. Jesus comes close to his beloveds in a calm way, restful and unnoticed. And then stays with them.

**Key words:** Transfiguration, poor, disciples, way, follow-up, Son of God, Son of Man e Kingdom of God.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>15</b>
A ENCARNAÇÃO DO VERBO: UMA INICIATIVA DIVINA.....	15
1. Maria no Evangelho de Lucas.....	16
2. Maria, Isabel e os hinos de louvores – Benedictus e o Magnificat.....	19
3. O Nascimento de Jesus.....	19
4. O Batismo de Jesus e a Experiência no Deserto.....	22
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>34</b>
JESUS: O PROFETA DO REINO DE DEUS.....	34
1. O Anúncio da Missão de Jesus em uma Sinagoga da Galileia.....	34
2. Jesus apresenta o “Projeto Luz das Nações” (Is 40-55) .....	37
3. A Escolha dos Doze.....	40
4. A Radicalidade do Seguimento ao Profeta de Deus.....	43
<b>CAPÍTULO III.....</b>	<b>49</b>
A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS REVELA A IDENTIDADE DE DEUS.....	49
1. A Transfiguração de Jesus na Narrativa de Lucas 9,28-36.....	50
2. O Seguimento a Jesus, da Galileia a Jerusalém (Lc 9,51-19,27) .....	61
3. Jesus enfrenta Jerusalém.....	63
4. Jesus é Ressuscitado por Deus.....	66
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>72</b>

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa percorrerá os principais eventos do processo narrativo do Evangelho de Lucas a respeito da Pessoa de Jesus e de sua relação com seus seguidores. Seu foco principal está ancorado no evento da Transfiguração de Jesus (Lc 9,28-36). O objetivo final é apresentar a Transfiguração de Jesus como fator determinante do despertar do discipulado.

Nas transcrições bíblicas será utilizado a Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada, publicada em 2002 pela Paulus Editora.

Visando um melhor desenvolvimento do tema, na Introdução será apresentado o Evangelho de Lucas, com um breve histórico sobre sua autoria, quando foi escrito, em que lugar foi escrito, para quem foi escrito, quais as fontes utilizadas, sua estrutura literária, principais temas abordados, enfim, as principais referências sobre o autor e sua obra. O restante do trabalho será dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo será apresentado o relato da Encarnação de Jesus como uma iniciativa divina, abordando inicialmente o papel que Maria desempenha na história da Salvação; depois, a relação entre Maria e Isabel; ainda, o relato do nascimento de Jesus e por fim, o Batismo de Jesus e sua experiência no deserto.

No segundo capítulo será tratada a instituição do ministério de Jesus. Ele foi ungido pelo Espírito Santo, é o Profeta de Deus, o Cristo de Israel. Inicialmente será abordado o anúncio da Missão de Jesus em uma sinagoga da Galileia; depois, o “projeto Luz das Nações”; em seguida a escolha dos Doze e por fim, a radicalidade do seguimento ao Profeta de Deus.

No terceiro capítulo será apresentado a transfiguração de Jesus como revelação da identidade de Deus. Depois discutiremos sobre a experiência dos discípulos no seguimento a Jesus, desde a Galileia até Jerusalém. Na sequência abordaremos o processo enfrentado por Jesus em Jerusalém. Por fim, apresentaremos algumas palavras sobre o contínuo agir de Deus na história dos homens no acontecimento da Ressurreição de Jesus.

### **O Evangelho de Lucas**

Os Evangelhos são expressões do Mistério de Jesus Cristo, Mistério que se refere à sua Pessoa e à sua Missão. Os Evangelhos de Jesus Cristo, chamados Sinóticos <sup>1</sup>, fazem parte de

---

<sup>1</sup> MARCONCINI, Benito. **Os Evangelhos Sinóticos**: Formação, Redação, Teologia. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 10-11. O nome ‘sinótico’ foi dado aos escritos dos três primeiros evangelhos pelo pesquisador alemão J. J. Griesbach, na sua obra *Synopsis evangeliorum* [Sinopse dos evangelhos], publicada em Halle, em 1776. Com



um conjunto de textos narrativos que expressam e comunicam este Mistério. Não são relatos biográficos da vida de Jesus, e sim expressões do Mistério que ultrapassa suas próprias imagens.

Mistério é algo que podemos conhecer. E, quanto mais conhecemos, mais podemos conhecer. É algo que, pode-se dizer, é inesgotável. Contudo, note bem uma coisa importante: não é um conhecimento intelectual apenas. Não se trata de conhecer informações e conceitos. Claro, isso também é importante e faz parte, sim, do conteúdo do Mistério. O conhecimento do Mistério é menos o aprendizado de algo e mais a experiência com Alguém. É uma experiência de vida e de vida partilhada. O “mistério escondido” é o próprio Deus, revelado em Jesus Cristo. E quem aceita Jesus Cristo, entra em comunhão com Deus <sup>2</sup>.

O Evangelho de Lucas constitui a primeira parte de uma obra maior, que encontra sua continuidade nos Atos dos Apóstolos. Jerusalém está no centro da narrativa de Lucas, como ponto de chegada no Evangelho, e como ponto de partida nos Atos dos Apóstolos. Para Marconcini <sup>3</sup> o Evangelho de Lucas se distingue pelo seu estilo literário, pelo seu esmerado vocabulário e pela riqueza de detalhes teológicos, escatológicos e eclesiológicos.

Definindo-se como um tipo especial de história e mantendo o anonimato sobre a autoria, sendo fonte de inspiração, ao longo da história, para poetas, pintores e estudiosos, o Evangelho de Lucas brindou a tradição cristã com ricas e maravilhosas obras. A contemplação admirável da anunciação a Maria (Lc 1,26-38), a atmosfera comovente do Natal (Lc 2,1-20), a profundidade da Transfiguração (Lc 9, 28-36), a beleza das parábolas do bom samaritano (Lc 10, 29-37), do pai pródigo em amor (Lc 15, 11-32), dos discípulos de Emaús (Lc 24,13- 35), além da salvação dos pobres (Lc 4,18-19), da alegria (Lc 15, 1-32) e da seriedade da vida cristã (Lc 14, 25-33) torna o Evangelho de Lucas o mais acessível para a percepção da mensagem de Jesus.

### **O autor, data, lugar e destinatários**

Segundo uma tradição registrada no fim do século II (o Cânon de Muratori) o evangelista, que nunca se identifica como Lucas, é um companheiro de Paulo em algumas de suas viagens.

---

feito, Mateus, Marcos e Lucas têm semelhanças e diferenças, a ponto de se tornar possível imprimi-los em três colunas e com uma visão simultânea (*syn – hopsis*) verificar concordâncias e divergências. Desta forma temos uma visão conjunta dos três evangelhos. Marcos, Mateus e Lucas transmitem o mesmo material literário, mantêm uma mesma estrutura, cronologia e geografia. Afirma que nos Evangelhos existem grandes semelhanças e destaca blocos distintos de capítulos: (1) para o início da vida pública de Jesus após o batismo, (2) para o ministério de Jesus na Galileia, (3) para o itinerário que Jesus fez da Galileia até Jerusalém e a atividade de Jesus na própria Jerusalém.

<sup>2</sup> NEGRO, Mauro. **Virgindade e Justiça: Tópoi** de Mateus e Lucas. In: Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 9, n. 16, jul/dez, 2015, p. 38-59, p. 42.

<sup>3</sup> MARCONCINI. Op. cit. p. 154-157.

Vários Padres da Igreja, como Irineu, Tertuliano e Clemente de Alexandria, afirmaram que o autor do terceiro Evangelho era Lucas. Assim também compreenderam os primeiros cristãos <sup>4</sup>.

Segundo Brown, Lucas seria um cristão procedente do paganismo e originário de Antioquia, na Síria. “O grego de Lucas é o melhor dos quatro Evangelhos e é provável que a língua materna do evangelista fosse o grego”<sup>5</sup>. Já em referência ao lugar em que foi escrito temos a afirmação de Pagola: “o Evangelho de Lucas foi escrito fora da Palestina, provavelmente em Roma, entre os anos 80 e 90. O autor dirige-se a leitores de cultura grega, mas não parece destinado a uma comunidade claramente identificável” <sup>6</sup>.

Lucas endereça seu Evangelho “a um cristão chamado Teófilo possivelmente um cidadão romano que concordou em financiar a publicação da obra” <sup>7</sup>. A intenção de Lucas pode ter sido que seu Evangelho fosse distribuído e lido de forma mais ampla pelos cristãos espalhadas pelo Mediterrâneo.

Fruto da missão dos primeiros discípulos de Jesus, muitas comunidades haviam surgido fora da Palestina. A maioria dos membros destas comunidades não estavam familiarizados com os textos judaicos, usados pelos pregadores itinerantes para explicar a mensagem e a pessoa de Jesus Cristo. Esses cristãos tampouco conheciam a geografia, os costumes, as condições religiosas e a realidade sócio/política/econômica da Palestina.

Nessas comunidades conviviam judeus e gentios convertidos ao cristianismo, todos dentro de uma sociedade cujos valores propagados chocavam-se frontalmente com os valores propostos pela Boa Nova. Outro fator de tensão era a diferença econômico/social entre os membros da comunidade. Conviviam, ricos e pobres, libertos e escravos, membros das legiões romanas e intelectuais. As tensões e os conflitos se avolumavam. Era uma Igreja que vivia a contradição de aproximar-se do homem de seu tempo, sem se afastar da fidelidade à mensagem de Jesus Cristo, procurando compreender o valor do tempo que a separava da vinda definitiva de Jesus. Era uma Igreja necessitada de conversão.

Lucas se sentiu impelido a ajudar essas comunidades na caminhada de fé, queria que seus leitores soubessem que haviam sido incluídos no plano divino de salvação desde o começo, ressaltando que, embora historicamente os judeus fossem os primeiros a ouvir a mensagem,

---

<sup>4</sup> HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O Evangelho de São Lucas**: Cadernos de Estudo Bíblico. Campinas SP: Ecclesiae, 2015, p. 19.

<sup>5</sup> BROWN, Op. cit. p. 280.

<sup>6</sup> PAGOLA, José Antonio. **O Caminho aberto por Jesus**: Lucas. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 13.

<sup>7</sup> HAHN; MITCH. Op. cit. p. 20.

esta tinha um caráter universal, estava destinada para todos os povos e nações. Lucas descreve a conversão como dom de Deus e caminho para a salvação. Sua preocupação era mostrar que existia continuidade das comunidades cristãs gregas, com a mensagem de Jesus vivenciada pelas comunidades hebraicas de Israel.

Para Lucas, a missão para os gentios não era nenhuma aberração nem alternativa desesperada da missão para Israel. Antes, era plano de Deus desde o início, que Jesus fosse uma revelação para os gentios e também para a glória do povo de Israel (Lc 2,32) <sup>8</sup>.

### A Dimensão Literária

O Evangelho de Lucas é “muito bem escrito e organizado. Apresenta um estudo pormenorizado da vida de Jesus, desde o anúncio do seu nascimento até sua ascensão aos céus. Sua estrutura é simples e, na maioria das vezes, segue uma linha próxima de Marcos e Mateus”<sup>9</sup>. Mais da metade do texto parte do material narrativo de Marcos, por mais um terço, é tirado do documento Q. O restante são partes próprias. Graças a essas fontes Lucas amplia as considerações sobre a vida de Jesus <sup>10</sup>.

Lucas soube traduzir o evangelho para a cultura da época. Procurou conferir solidez aos ensinamentos, empregou um estilo acurado, uma sintaxe perfeita, manipulando com desenvoltura o grego clássico. Assegurada sua capacidade literária, impressiona que na obra se alternem páginas pitorescas e vivazes com narrações áridas ou esquemáticas, momentos de envolvente poesia que desperta fortes emoções religiosas e expressões pobres, inferiores às de Mateus e Marcos. A explicação está no fato de que Lucas não é alguém que cria, mas um transmissor fiel de uma tradição que procura despertar o interesse do leitor, inquietando-o, tendo em vista uma conversão. Lucas ensina que a exposição da fé e a sua profusão se dá não mediante colocações abstratas e matemáticas, mas por meio de histórias. É um convite a entrar no mundo da literatura, para melhor conhecer quem é Jesus <sup>11</sup>.

O texto se apresenta dentro de uma perspectiva de evolução narrativa da pessoa de Jesus. Seu objetivo é percorrer os principais eventos da vida de Jesus Cristo, narrando com riqueza de detalhes os acontecimentos principais e visando estimular no leitor o desejo de encontrar, conhecer, aderir e seguir a Jesus de Nazaré. A Bíblia de Jerusalém apresenta o esquema do Evangelho de Lucas em nove partes:

I – *Prólogo* (Lc 1, 1-4). Fornece os dados prévios que nortearam a elaboração do seu trabalho.

<sup>8</sup> BROWN, Raymond E. **O Nascimento do Messias**: Comentários das narrativas da infância nos Evangelhos de Mateus e Lucas. São Paulo, Paulinas: 2005, p. 281.

<sup>9</sup> HAHN; MITCH. Op. cit. p. 20.

<sup>10</sup> MARCONCINI. Op. cit. p. 154.

<sup>11</sup> Idem: p. 155.

II - *Narrativa da infância* (Lc 1, 5 - 2,52). Apresenta o nascimento de Jesus e seu precursor, João Batista. Nesses eventos, cheios de alegria e esperança, conduz o leitor a perceber Jesus como continuador das promessas narradas pelos profetas.

III - *Preparação do Ministério de Jesus* (Lc 3,1-4 - 4,13). Expõe as atividades de João Batista e Jesus no deserto da Judeia.

IV - *Ministério de Jesus na Galileia* (Lc 4,14 - 9,50). Mostra Jesus pregando, ensinando e libertando os habitantes da humilde Galileia e regiões circunvizinhas.

V - *A Transfiguração* (Lc 9,28 - 36). Apresenta Jesus como revelação da identidade de Deus, aos seus discípulos.

VI - *A subida para Jerusalém* (Lc 9,51 - 19,27). Retrata o caminho de Jesus rumo a cidade escolhida por Deus para revelar seu plano salvífico.

VII - *Ministério em Jerusalém* (Lc 19,28 - 21,38). Relata os últimos dias de Jesus na Cidade Santa.

VIII - *Paixão de Jesus* (Lc 22,1 - 23,56). Narra a chegada da semana final e fatal da vida de Jesus.

IX - *Ressurreição e Ascensão de Jesus* (Lc 24,1-53). Fechando o Evangelho de Lucas.

## **A Teologia**

Todos os Evangelhos fazem a proclamação fundamental da salvação em Jesus Cristo. Cada um, porém, desenvolve suas especificidades a partir da percepção do mistério, fruto de suas reflexões e das experiências pessoais e em função da necessidade de cada comunidade. A proposta central da obra de Lucas é levar o leitor a conhecer Jesus de Nazaré e tudo aquilo que diz respeito à sua vida e à sua mensagem, buscando em sua história, o significado e o sentido que leva cada discípulo a fazer seu próprio caminho, sua experiência de fé, singular e única, do encontro pessoal com Jesus Cristo. Experiência de fé pessoal, mas que se vive na relação comunitária. É na comunidade cristã, situada em cada contexto histórico, que se pratica o seguimento de Jesus.

Na consideração do processo histórico da descoberta da verdadeira mensagem de Jesus estão presentes dois elementos inseparáveis que, para Lucas, configuram a fé cristã. O primeiro elemento é a humanidade de Jesus, isto é, tudo que nele foi se manifestando em sua vida pessoal e no seu relacionamento com as pessoas. O segundo elemento é a compreensão que os seus discípulos vão tendo, ao longo da caminhada com o mestre. Mantendo-se fiel à sua proposta, Lucas desenvolve sua obra apresentando variados temas, mas um se eleva acima de todos os outros: A universalidade da Salvação.

Unindo história e teologia Lucas mostra que Cristo veio e ainda virá; está fora da história, mas age nela; é elevado e está glorioso no céu, mas ainda atua no tempo por meio do Espírito Santo. Jesus é o Salvador, não de um povo, mas de toda a humanidade. A genealogia remonta à origem da humanidade por “Jesus [...] filho de Adão, Filho de Deus” (Lc 3,38). A universalidade da salvação está presente em todo o evangelho. O momento atual é parte dos últimos tempos, encerra a salvação, oferecida a todos não por causa de uma rejeição do povo eleito, mas por uma vontade divina originária. Escatologia, parusia, história da salvação e teologia, portanto, não se contrapõem na obra de Lucas, mas tendem para o verdadeiro centro da teologia de Lucas, que é a cristologia.

Lucas é chamado, por Marconcini, “o teólogo da salvação, isto é, do plano divino que implica a libertação de toda forma de mal”<sup>12</sup>. Para Lucas o fim dos tempos não está próximo. A postergação da parusia não deve induzir ou negar a existência da salvação. O tempo intermediário traz consigo a salvação, O reino já chegou, está no meio de nós, disponível para quem se esforçar para nele entrar. Seu pensamento revela-se na frase: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia e siga-me” (Lc 9,23). O maior sinal da irrupção do divino no humano, que fica transformado, é a presença do Espírito Santo que atua em Jesus e, em seguida, na Igreja, guiada em cada passo seu. O Espírito Santo é o dom máximo do Senhor. Os dons do Espírito Santo caracterizam a vida cristã com efeitos de “amor, alegria, paz, mansidão, paciência, benevolência, bondade, fidelidade, domínio de si, superando toda barreira étnica, cultural, religiosa”.

Em Lucas, Jesus é o Senhor, na origem da salvação, assim a trajetória terrena de Jesus termina com a sua glorificação concebida como ascensão (analépsis). Os sofrimentos são uma passagem obrigatória para entrar na glória. Jesus realizou plenamente a sua existência, tornou-se o Senhor (Kýrios), termo empregado mais de duzentas vezes na obra de Lucas. A história de Jesus continua na Igreja, assim a entrada de todos no Reino de Deus está condicionada, por Lucas, a um estado de contínua conversão por parte da Igreja. Para alcançar a salvação faz-se necessário um contato frequente com a palavra de Deus, que retira a máscara dos falsos valores representados pelas riquezas e pelos vícios, e uma atitude de oração que imite bem de perto a atitude do mestre a fim de imprimir um novo dinamismo à vida cristã individual e comunitária. Portanto, a escuta da palavra pelo anúncio, o desapego dos bens terrenos, colocar-se em movimento rumo à cruz e à glória, são centrais para a conversão rumo a salvação<sup>13</sup>.

A salvação, para Lucas está ancorada primeiramente nas tradições do Antigo Testamento que retratam Jesus como o Messias esperado pelo povo de Deus da Antiga Aliança. Suas

<sup>12</sup> MARCONCINI. Op. cit. p. 160.

<sup>13</sup> MARCONCINI. Op. cit. p. 159-161.

narrativas mostram que Jesus é o enviado esperado que tem a missão de iniciar a restauração de Israel profetizada pelos profetas. Mas também quer mostrar que o perdão de Deus atinge também os gentios, mostrando a universalidade da proposta do Reino de Deus. Jesus é aquele que vem para ser “uma luz para iluminar as nações” (Lc 2,32). Além disso, Lucas expõe que a mensagem de Jesus é destinada, prioritariamente, aos excluídos, aos pobres, às mulheres e aos maus afamados, mostrando a preocupação de Deus com os humildes e oprimidos. “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6,20b).

Outros elementos marcantes e, às vezes únicos, são encontrados no evangelho narrado por Lucas, como: a Anunciação à Maria (Lc 1,26-38); os hinos de louvor, como o *Magnificat* de Maria (Lc 1, 46-55) e o *Benedictus* de Zacarias (Lc 1, 68-79); a experiência da infância de Jesus no Templo (Lc 2, 41-51); as parábolas do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37) e a do Filho Pródigo (Lc 15,11-32); e os detalhes da ascensão e glória de Jesus (Lc 24, 50-53).

Os Evangelhos foram escritos a partir do evento Pascal, e, em suas narrativas observa-se que a prática de Jesus ocorre na história. Sua missão adquire significado nas palavras, nas ações e nos ensinamentos cotidianamente vividos junto aos pobres e excluídos. Portanto, pode-se afirmar que a práxis de Jesus é: *processual* (histórica e desenvolvida com base em ações e reações concretas), *encarnada* (a partir da realidade econômica, política e religiosa de um povo) e *conflituosa* (algo não desejado, mas inevitável, em razão da contradição entre o reino de Deus e a realidade social da época).

O Evangelho é a experiência da história de Jesus da maneira como foi captada e compreendida por cada um dos evangelistas...A nossa reflexão da fé sobre a pessoa de Jesus Cristo não é abstrata, pois parte de uma existência histórica concreta: no homem Jesus, os homens e mulheres tocaram no Último e Definitivo; tocaram em Deus...A ressurreição é o evento que determina a reflexão cristológica de todo o Novo Testamento <sup>14</sup>.

As Escrituras mostram que a história crítica de Jesus se inicia muito antes, começa com o Filho de Deus encarnando-se no meio da humanidade. O Evangelho de Lucas, em seus capítulos iniciais, apresenta uma transição da história de Israel para a história de Jesus, mostrando a existência de uma continuidade progressiva na ação do Espírito de Deus, desde o início dos tempos. “Todo o Evangelho insiste nos verbos de movimento: andar, vir, subir. Jesus faz uma grande viagem: parte da Galileia, passa pela Samaria e chega a Jerusalém. Da mesma forma Jesus, ressuscitado, aparece de repente na viagem para Emaús” <sup>15</sup>.

<sup>14</sup> COSTA, José Anchieta Lima. **Conhecer Jesus: A Cristologia ao Alcance de Todos**. São Paulo: Edições Loyola, p. 176-178.

<sup>15</sup> MARCONCINI. Op. cit. p. 168.

O Evangelho de Lucas também é chamado o “Evangelho da alegria”, ou o “Evangelho dos pobres” e ainda o “Evangelho da oração”<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> PAGOLA. Op. cit. p. 13-17.

## CAPÍTULO I

### A ENCARNAÇÃO DO FILHO DE DEUS: UMA INICIATIVA DIVINA

Neste capítulo analisaremos a Encarnação de Jesus, compreendida como uma iniciativa divina. Abordaremos inicialmente, o papel que Maria desempenha na história da Salvação, sua relação com Isabel, o relato do nascimento de Jesus e, finalmente, o relato do Batismo de Jesus e sua experiência no deserto.

A Encarnação inaugurou a “plenitude dos tempos”. Maria surge nesse momento como a representante mais digna de toda a humanidade, sobre a qual o Espírito de Deus pousou e fez frutificar o mistério da Encarnação. Ela é a mulher, ao mesmo tempo, mãe e esposa, ponto de origem do homem novo, figura referencial de toda a natureza e missão da Igreja.

Como a ação da Encarnação e da Redenção estão vinculadas, como um só ato do amor divino, que redime o ser humano no Filho e pelo Filho, o “Fiat” de Maria a vinculou inseparavelmente a essa iniciativa de Deus. Sua colaboração vai continuar até que a “plenitude dos tempos” atinja sua parusia, quando tudo e todos estiverem reconciliados e recapitulados em Cristo (Col 1,12-20).

“Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial” (Gal 4,4-5). Com esta afirmação, Paulo, algum tempo antes de Lucas, indica, categoricamente: O protagonista é o próprio Deus, que em sua livre iniciativa, enviou o seu Filho e com ele o Espírito Santo, aos nossos corações. O Filho de Deus se integrou plenamente ao processo de geração e à história da humanidade, em particular ao mundo judaico. Sua humanização não é um fim em si mesma. A finalidade é levar o homem a uma radical mudança, transformando a vida humana, a partir de dentro, dos corações, participando-nos o ser de Filho de Deus. “Fez-se como nós para fazer-nos como ele: filho no Filho; portanto homens livres”<sup>17</sup>.

Já no Batismo de Jesus Lucas o apresenta numa relação com o Espírito e com a multidão à qual Jesus se associa naquele momento. Se explicita ainda, por meio de uma teofania, que Jesus é o Filho de Deus: a declaração do Pai e a descida do Espírito Santo sobre o Filho.

Outro trecho do relato evangélico amplia o sentido do Batismo de Jesus: seu próprio mergulho na morte o apresenta como ligação entre o discípulo e o Mestre: O mesmo Jesus interpretará sua morte como um batismo: “*Devo receber um batismo, e como me angustio até que esteja consumado*” (Lc 12,50); “*Podeis beber o cálice que eu beberei, e com o batismo*

---

<sup>17</sup> BARBAGLIO, Giuseppe. **As cartas de Paulo II**. São Paulo: Loyola, 1991, p. 85.



*com que eu for batizado, sereis batizados?”* (Mc 10,38). Aqui reside o sentido primordial da festa que aprofunda a encarnação do Verbo na direção da cruz. O Batismo de Jesus é imagem de sua morte e remete, necessariamente, ao seu nascimento e à sua ressurreição.

Finalmente o Batismo de Jesus também está situado numa intercessão: ele antecede e desencadeia a sua missão.

## **1. Maria no Evangelho de Lucas**

Lucas, provavelmente partilhando das mesmas fontes de Paulo, também vai apresentar Jesus como o Messias Libertador e Salvador. Na narrativa do nascimento de Jesus, Lucas compreende que não seria possível que o Filho de Deus viesse ao mundo, de maneira que todos pudessem vê-lo e compreendê-lo, sem a colaboração humana. Maria, uma mulher virgem, de Nazaré, uma pequena cidade da Galileia, encontrou graça junto de Deus. O próprio Deus a visita, através do anjo Gabriel, anunciando-lhe seu plano: Conceber em seu seio, pelo poder do Espírito Santo, o Filho de Deus. Maria, radiante, diz sim a Deus.

### **A narrativa da Anunciação (Lc 1, 26-38)**

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo”! Ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. O Anjo, porém, acrescentou: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim”.<sup>34</sup> Maria, porém, disse ao anjo: “*Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum*”?<sup>35</sup> O Anjo lhe respondeu: *O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com sua sombra*; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês para aquela que chamavam de estéril. *Para Deus, com efeito, nada é impossível*”. Disse, então, Maria: Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra”! E o Anjo a deixou.

Na narrativa do anúncio do nascimento de Jesus, dois aspectos serão destacados neste trabalho: A concepção virginal de Maria e a ação do Espírito Santo (Lc 1,34-35). Os dois aspectos remetem ao protagonismo de Deus que se revela na história humana. A presença de Deus na história do homem está entre os grandes temas tratados na Bíblia. A proximidade de Deus vivo está entrelaçada na mentalidade do povo judeu e por essa razão motivo de permanente ação de graças. “De fato! Qual a grande nação cujos deuses lhe estejam tão próximos como Iahweh nosso Deus, todas as vezes que o invocamos” (Dt 4,7). Também Isaias

evoca o tema bíblico do Deus que se revela, velando-se: “Entretanto tu és um Deus que se esconde, ó Deus de Israel, o Salvador” (Is 45,15). O profeta afirma que a presença de Deus muitas vezes se dá de forma escondida, presente no insignificante e anônimo. Mas a morada de Deus na história não se opera de forma simples e óbvia, de tal maneira que se possa encontrá-la rápida, direta e explicitamente. Deus está na história humana, em meio a suas tensões, êxitos e conflitos, mas encontrá-lo supõe desejo, busca.

A busca é um profundo tema espiritual em toda a abordagem do itinerário para chegar a Deus, em toda reflexão sobre os caminhos, sempre inéditos, de aceder a esse Deus oculto, cuja obra salvífica se dá, o mais das vezes, por caminhos que não são os nossos, como diz o profeta “Com efeito, meus pensamentos não são vossos pensamentos, e vossos caminhos não são meus caminhos”. Encontrar o Deus atuante na história implica de nossa parte uma atitude de fé, aberta à novidade e ao mistério<sup>18</sup>.

A habitação de Deus na história atinge a plenitude da Encarnação do Filho de Deus em Maria. Na narrativa da anunciação, observa-se em Maria a demonstração de uma fé madura, responsável e, com certeza, ela não estava pensando somente em si mesma, mas também no seu povo que aguardava a vinda do Messias.

A fé é fundamentalmente uma atitude interior daquele que crê, daquele que confia. Santo Tomás de Aquino considera a fé como sendo o primeiro bem necessário a todo cristão, porque é pela fé que o cristão é conduzido à união com Deus. A graça não poderia agir, se faltasse fé a Maria. É pela fé que nos tornamos disponíveis a graça. A fé é a base de tudo é a primeira obra a ser cumprida. “A obra de Deus é que creiais naquele que ele enviou” (Jo 6,29). Graça e fé são os dois pilares da salvação “Pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de nós é dom de Deus” (Ef 2,8)<sup>19</sup>.

### **A concepção virginal e o poder do Espírito Santo (Lc 1,34-35)**

Alertando que não existe unanimidade entre os biblistas católicos romanos sobre qual a intenção da pergunta (“Como?”), de Maria, relatada no versículo 34, Brown vai afirmar que a intenção de Lucas é cristológica. A intenção é, antes, contar *ao leitor* como o menino foi concebido e, com base nisso, explicar sua identidade. A preocupação de Maria não é saber sobre a concepção virginal, mas sim que o leitor saiba dessa concepção e de suas implicações cristológicas”<sup>20</sup>. Assim, nesses versículos, Lucas deseja explicar a identidade do Messias davídico cujo nascimento foi, pelo anjo, proclamado, ou seja, que ele é o Filho de Deus gerado pelo poder criador do Espírito Santo. A objeção de Maria chama a atenção para a

<sup>18</sup> GUTIÉRREZ Gustavo. **O Deus da Vida**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 112.

<sup>19</sup> IWASHITA, Pedro K. **Moral e ética cristã**: caminho de sabedoria em um mundo fluido e em conflito. In: Revista de Cultura Teológica. n. 84, 2014, p. 324-335.

<sup>20</sup> BROWN. Op. cit. p. 367.

impossibilidade humana a ser superada por Deus. A maneira como Lucas expressa a objeção mostra que ele molda sua narrativa a partir de uma tradição pré-evangélica da cristologia de filiação divina por intermédio da geração pelo Espírito Santo, cristologia essa que foi aplicada ao nascimento de Jesus por meio de uma concepção virginal. No anúncio do nascimento do Messias davídico, a partir dessa tradição, o plano divino excluía uma geração humana do menino. Essa tradição pré-evangélica do nascimento do Messias davídico, está ancorada, segundo Brown, numa interpretação livre de 2Sm 7,8-16, a promessa do profeta Natã a Davi.

A ideia de um anúncio pré-lucano do nascimento do Messias davídico talvez já existisse no judaísmo pré-cristão; se isso for verdade, é possível que a mensagem naquele anúncio judaico repita 2Sm 7,8-16. Temos indícios interessantes da interpretação messiânica dele em 4QFlorilégio, interpretação de Qumrã, de 2Sm 7,10-14, seguido de uma interpretação de salmos em 4Q174, versos 10-13 <sup>21</sup>.

A ação do Espírito Santo e o poder do Altíssimo descem sobre Maria e não sobre o rei davídico. Não se trata da adoção de um descendente de Davi pela coroação como filho de Deus, mas da geração do Filho de Deus no ventre de Maria, por intermédio do Espírito criador de Deus. A narrativa afirma que Maria é uma virgem que não conhece homem e, portanto, o menino é totalmente obra de Deus — *uma nova criação*.

Brown, ao atribuir a Lc 1,35 formulações cristológicas primitivas reaplicadas à concepção virginal, encontrou base para termos como “Espírito Santo”, “poder” e “chamado Filho de Deus”, mas não encontrou um exemplo de “*cobrir com sua sombra*”.

Essa imagem aplica-se a um cenário cristológico na transfiguração. De acordo com os três relatos (Lc9,34 e par.), uma nuvem que assinalava a presença divina *cobriu com sua sombra* os presentes e dela saiu uma voz que dizia: “Este é o meu Filho [amado]”. O paralelismo entre o batismo e a transfiguração foi há muito reconhecido: em uma passagem o Espírito Santo desce sobre Jesus, enquanto na outra nuvem o cobre com sua sombra, mas em ambas a voz divina transmite a mesma mensagem do alto. O batismo revela o mistério cristológico de filiação divina ao leitor; a transfiguração revela-o aos discípulos escolhidos. A descida do Espírito Santo e o fato de ser coberto com a sombra da presença divina eram modos alternativos de expressar como Deus estava ativo para estabelecer e confirmar essa filiação. Assim, Lucas está absolutamente certo ao colocar as duas imagens em paralelo em Lc 1, 35b,c. E essa dupla expressão da atividade de Deus deixa claro que as designações “santo” e “Filho de Deus” são fiéis ao que o menino é e às suas origens. Ao mover o momento cristológico da ressurreição para a concepção, Lucas diz que nunca houve um momento nesta terra em que Jesus não fosse o Filho de Deus <sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Idem: p. 370.

<sup>22</sup> BROWN. Op. cit. p. 375-376.

## 2. **Maria, Isabel e os hinos de louvores — Benedictus e o Magnificat**

A humanidade está exultante e agradece a Deus com alegria, cantos e louvores bendizendo-o pelas graças concedidas. As narrativas estão combinadas duas a duas: duas anunciações, dois nascimentos, duas liturgias (celeste e terrena). Os destinatários das duas anunciações exultam em hinos de louvor e reconhecimento, como expoentes de uma humanidade salva. Maria, com o seu Magnificat, que enaltece a figura da Virgem, faz uma profissão de fé, repleta de entusiasmo e gratidão. Canta a libertação do homem desde que o Filho de Deus se encarnou nela. Exprime um louvor grandioso e festivo aos prodígios da força, da santidade e da misericórdia divina a favor dos últimos. Já Zacarias, com o Benedictus, concentra a narrativa em Jesus, para quem o coro celeste canta um brevíssimo, ativo e cósmico hino. Além disso, Jesus recebe na gruta duas visitas: dos anjos e dos pastores e, no Templo, o duplo testemunho: de Simeão e Ana, e duas vezes ele se encontra no Templo: logo ao nascer e com doze anos. Assim, o mistério diz respeito a Jesus e à sua mãe. Jesus é inserido na nossa vida humana, com todas as características do homem. Maria, sua mãe, é chamada a acreditar no maravilhoso: você se tornará mãe de Deus e continuará virgem. É o momento do encanto, diante da proposta do Senhor, que chama para uma realização superior às possibilidades humanas. O mistério e a mensagem encontram fundamento em um fato atestado.

## 3. **O Nascimento de Jesus**

“Nasceu-vos hoje um Salvador, que é Cristo-Senhor” (Lc 2,11). Lucas demonstra interesse por muitos aspectos da vida e da missão de Jesus, porém, o único tema que se destaca e se eleva acima de todos os outros é a mensagem universal da salvação. Lucas enfatiza em seu evangelho que Cristo veio para reunir todos os povos e nações na família de Deus. “Não tenham medo! Eu anuncio para vocês a Boa Notícia, que será uma grande alegria para todo o povo” (Lc 2,10).

Na plenitude dos tempos, o Filho de Deus uniu-se a todo homem, pensando e agindo com o coração. Jesus tem sua origem enraizada na tradição do povo judeu, é solidário com seu ambiente, é fruto de seu meio, condicionado por seu tempo, marcado pela história, pela geografia, pela cultura do seu povo, pelo ambiente familiar e social, mas também o é pelas leis religiosas, econômicas e políticas de seu tempo. Essa realidade foi moldando seu modo de ver, de sentir e de agir. Em sua liberdade, sua consciência e sua personalidade foram sendo formadas. Jesus é uma pessoa plenamente solidária com esse povo sofrido e humilhado pelos poderosos. Carrega em si mesmo um universalismo com todos os pobres e miseráveis de todos

os tempos. Homem real, determinado, bom, decidido a cumprir a vontade do Pai, homem que desperta paixões em seus semelhantes. É nesse homem real, concreto, estimulante, que encontramos a revelação plena de Deus, que encontramos o próprio Deus, que se revela agindo para mudar a situação e para mudar as pessoas que viviam aquela situação, despertando-as para a ação.

Situar Jesus na sua própria terra e no contexto de sua vida humana de relações sociais e inter-relações pessoais é procurar compreender e aceitar o mistério da encarnação do Filho de Deus na pessoa de Jesus de Nazaré que assumiu verdadeiramente a condição humana arcando com todas as consequências que este gesto divino significou para a própria vida de Jesus. Neste sentido, Jesus foi um homem de seu tempo e viveu a sua realidade terrestre sob as coordenadas do seu tempo e do espaço como qualquer outra pessoa de sua época e de toda época <sup>23</sup>.

### **Condições históricas e tradições culturais na Palestina no tempo de Jesus** <sup>24</sup>

Jesus nasceu judeu, em Nazaré na Galileia, um lugar de contrastes, onde conviviam uma minoria próspera, fruto da abundância propiciada pelos produtos colhidos nas terras férteis e uma maioria miserável que mal possuía o que comer. Para o povo, sem dúvida, o lugar mais miserável de Israel, além de absurdamente explorado pelos poderosos. Esse povo clamava por uma transformação social. A esmagadora maioria da população da região vivia em centenas de povoados empobrecidos pelos altos impostos cobrados. Pressionados por essa perversa realidade, muitos que ali viviam não tinham mais acesso à terra, o que os obrigava a abandoná-la, ou dividir as colheitas, ou ainda encontrar outro meio de subsistência. Os proprietários das terras moravam nas cidades e enviavam para os povoados seus agentes de cobrança. Cobravam sua parte com rigor e determinação e puniam sem piedade os que não pagassem. Não havia harmonia entre ricos e pobres, viviam em uma sociedade absolutamente dividida, com extrema distância de pobreza e riqueza. *‘Provavelmente a maioria da população da Galileia era analfabeta, mas de forma alguma eram culturalmente ignorantes’*. “Eram nacionalistas e tinham um senso aguçado de amor e respeito pela liberdade. Desta região surgiram vários movimentos revolucionários que incomodavam a paz romana e os poderes opressores” <sup>25</sup>.

*Provavelmente a maioria da população da Galileia era analfabeta, mas de forma alguma eram culturalmente ignorantes*. Começamos a admitir que galileus como Jesus e os seus seguidores não teriam conhecido a mesma Toráh do modo como os “escribas e fariseus” em Jerusalém a conheciam. Como

<sup>23</sup> COSTA. Op. cit. p. 69.

<sup>24</sup> HORLEY, Richard A. **Jesus e o Império: O Reino de Deus e a nova desordem mundial**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 65-69.

<sup>25</sup> COSTA. Op. cit. p. 69.

reconhecem os antropólogos há algum tempo, as comunidades aldeãs cultivam e inspiram-se na “pequena tradição”, em contraste com a elite, que cultivava a “grande tradição”. Na Galileia, a tradição popular, teria informado e norteado os diferentes padrões de crença e comportamento valorizado pelos camponeses daquelas sociedades agrárias. A tradição popular consistindo em histórias, leis, costumes, orações, e assim por diante, teria sido cultivada na comunicação oral em comunidades camponesas [...]. Assim, frequentemente encontra-se na cultura aldeã um padrão de oposição estrutural, estilística e normativa à tradição político-religiosa das elites dirigentes [...]. Por várias fontes, temos motivos para acreditar que os galileus cultivavam lembranças de heróis israelitas como Moisés e Elias. Os múltiplos movimentos na Galileia, na Samaria e especialmente na Judéia, que assumiram a forma de movimentos messiânicos populares e movimentos proféticos populares eram todos informados na tradição popular israelita. Esses movimentos oferecem assim claras evidências de que as histórias israelitas de Moisés e Josué e de Saul e Davi estavam muito vivas nas aldeias da Palestina <sup>26</sup>.

### **A Terra onde Jesus nasceu e viveu <sup>27</sup>**

Para além da importância econômica, a Galileia, junto com a Samaria e a Judeia constituíam uma região muito importante para os romanos. Estavam localizadas na fronteira com o Oriente, uma base importante para a conquista e o controle dessa região. Os métodos de dominação empregados pelos romanos eram brutais. Eles destruíam e queimavam povoados e vilas, sistematicamente. Massacravam e escravizavam as populações e crucificavam quem resistia com execuções públicas, cujo objetivo era o de aterrorizar e submetê-las ao seu domínio. Para administrar esse território os romanos mantinham uma estrutura estatal complexa e eficiente. O poder era fortemente hierárquico, com uma estrutura piramidal e rígida. Todo o poder advinha da divindade do imperador. Essa estrutura piramidal de poder, se reproduzia nas dimensões sociais e econômicas. No topo da pirâmide social romana estavam os cidadãos romanos e, na base, os escravos. Eram politeístas, mas não se incomodavam que os judeus adorassem e cultuassem seu Deus. Para estabelecer a ordem entre seus pares, os romanos permitiam que os judeus mantivessem seu próprio tribunal, o Sinédrio.

### **A Galileia nos tempos de Antipas <sup>28</sup>**

Para cumprir suas políticas expansionistas os romanos precisavam de um sistema eficiente de arrecadação de riquezas junto aos judeus. Identificaram uma hierarquia dentre os judeus capaz de se responsabilizar pela taxaço e cobrança de impostos junto ao povo: os Sumos Sacerdotes. Historiadores da época descrevem uma série de violências cometidas pelos Sumos

<sup>26</sup> HORLEY. Op. cit. p. 68.

<sup>27</sup> COSTA. Op. cit. p. 67-74.

<sup>28</sup> PAGOLA, José Antonio. **Jesus**: aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 38-46.

Sacerdotes contra seu próprio povo, causadas pelo desejo do cargo e do direito de explorar os impostos. Incentivados pelos romanos, as elites judaicas aliaram-se aos Sumos Sacerdotes, para alcançarem benefícios mútuos. Para os romanos, o apoio servia para protegê-los de problemas futuros. Para as elites locais era a garantia de melhores condições de ganhos materiais. O problema é que esse sistema era muito instável. As pessoas sabiam que os romanos mantinham o Sumo Sacerdote no poder.

Esse sistema econômico e político imposto pelos romanos, abençoado pelo poder religioso, penalizava e excluía os pobres, os estrangeiros e os doentes dos benefícios produzidos pela sociedade. Na compreensão dos poderosos de Israel, guiados pela prática do puro e do impuro, os pobres, deserdados e miseráveis já estavam condenados por antecipação, pois pelo fato de não conhecerem a Lei, tornavam-se malditos.

“E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens” (Lc 2,52).

#### 4. O Batismo de Jesus e a Experiência no Deserto

“Não sabemos quando e em que circunstâncias, mas num determinado momento Jesus deixa seu trabalho de artesão, abandona sua família, seus amigos e se afasta de Nazaré”<sup>29</sup>. Segundo Pagola, Jesus não vai em busca de estudar melhor a Torah ou conhecer as tradições judaicas, também não é encontrado junto à comunidade de Qumram, tampouco junto ao Templo, em Jerusalém. Retira-se para o deserto<sup>30</sup>.

Para a maioria dos judeus o deserto remete à origem da história de seu povo, lugar em que é preciso retornar em épocas de crises para recomeçar a Aliança rompida com Deus. É lugar de infertilidade, de simplicidade, de libertação, de prova, mas também lugar de bênção. No deserto não chegam as ordens de Roma, nem a balbúrdia do templo, tampouco os discursos dos mestres da lei. Assim, o deserto é uma forma de exílio, longe de Deus, longe da terra natal, longe da fraternidade dos amigos e da família. Também Jesus vai ao deserto. Anseia por ouvir esse Deus que no deserto fala ao coração “Naquele dia eu responderei” (Os 2,21).

Jesus traz em seu íntimo, além da imagem de um Deus salvador, preocupado com a felicidade de seu povo, um Deus libertador, que se preocupa, primordialmente, com os mais fracos, os oprimidos, os pobres, os órfãos, as viúvas e os estrangeiros. Podemos supor Jesus

---

<sup>29</sup> Idem: p. 87.

<sup>30</sup> Ibidem: p. 87. A profundidade e maturidade de sua índole religiosa levam alguns a pensar que Jesus viveu um período de busca antes de encontrar-se com o Batista.

inquieta, angustiada e perturbada pela opressão a que são submetidos os camponeses, pela brutalidade imprimida pelos romanos, pelas brigas entre as famílias, pelo desprezo pela Lei de Deus, manifestada pelos religiosos. Conhecedor das mensagens dos profetas, especialmente de Jeremias, que consolou e animou o povo, durante e depois do exílio, exortando-os a confiar no perdão divino <sup>31</sup>.

É isso que ele ouve no coração de Deus: “Eu perdoarei sua culpa e não me lembrarei mais de seu pecado” (Jr 31,34) e Isaias que conseguiu expressar, magistralmente o amor incondicional de Deus para além das condenações e dos castigos: “Em momento de cólera escondi de ti o rosto, mas logo me compadecei de ti, levado por amor eterno, [...] juro agora que nunca mais me encolerizarei contra ti, que não mais te ameaçarei. [...] Meu amor não mudará, minha aliança de paz não será abalada, diz Iahweh, aquele que se compadece de ti” (Is 54, 8-10) <sup>32</sup>.

Nutrido pela tradição sapiencial de Israel <sup>33</sup>, Jesus vai se alimentando da experiência de um Deus criador do ser humano e do mundo; sua Sabedoria preside a criação inteira e é fonte de comportamento sábio para as pessoas. Possivelmente é na oração dos salmos que Jesus vai alimentando sua experiência de Deus, vai abrindo seu coração a Deus, procurando ouvir sua voz, no silêncio do deserto, mergulhando na solidão de seu ser, procurando ouvir um Deus que fala sem pronunciar palavras humanas.

No entanto, não temos dados para pensar que Jesus procure uma experiência mais intensa de Deus que satisfaça sua sede interior ou pacifique seu coração. Jesus não é um místico em busca de harmonia pessoal. Tudo leva a pensar que ele procura Deus como ‘força de salvação’ para seu povo <sup>34</sup>.

### **Jesus encontra o Batista**

Jesus, vivendo na mesma época e no mesmo deserto da Judeia, onde vivia João Batista, era inevitável que se encontrassem (Mc 1,9). Mas quem era e qual a mensagem de João Batista? “Para o povo João é o ‘Batizador’, um profeta que pratica um rito inusitado e surpreendente nas águas do Jordão” <sup>35</sup>.

---

<sup>31</sup> Ibidem: p. 365. Não é possível saber com certeza quais textos bíblicos Jesus leu ou ouviu, nem a que tradições religiosas pode ter tido acesso, nem quais salmos rezou com mais frequência. Mas não é ilegítimo verificar o pano de fundo bíblico que se pode perceber por trás das principais linhas de força de sua mensagem ou de sua atuação, para captar melhor sua “herança judaica” e as ênfases pessoais com que Jesus a vive (Haight).

<sup>32</sup> Ibidem: p. 367 - 368.

<sup>33</sup> Ibidem: p. 368. Esta literatura teve um grande desenvolvimento depois do retorno do cativo, entre 500 e 550 a.C. Alguns livros, como os Provérbios, apresentam uma visão otimista da vida. Outros, como Coélet (ou Eclesiastes), estão marcados pelo pessimismo. O livro de Jó formula o problema de um Deus justo e bom apesar do sofrimento do inocente.

<sup>34</sup> Ibidem: p. 88.

<sup>35</sup> Ibidem: p. 89.



Já Lucas, além de situá-lo como parente de Jesus, quando da visitação de Maria a Isabel (Lc 1,41-44), também situa historicamente sua missão: Tibério era o imperador, Pilatos o governador e Herodes Antipas o tetrarca responsável pelo domínio de parte da Judeia e localidades próximas ao rio Jordão. Anãs e Caifás eram os sumos sacerdotes. “Zacarias, seu pai um sacerdote da classe de Abias e sua mãe, descendente de Aarão, chamava-se Isabel. Ambos eram justos diante de Deus e, de modo irrepreensível, seguiam todos os mandamentos e estatutos do Senhor” (Lc 1,5-6).

Para Meier <sup>36</sup>, João era filho único de um sacerdote que atuava no Templo de Jerusalém e, segundo as leis, deveria suceder o pai em sua função, assegurando que a linhagem sacerdotal continuasse. Mas, em algum momento, João rompe, conscientemente, com o templo e com tudo o que ele significava.

Ao abandonar o dever familiar, assim como o dever sacerdotal perante o templo de Jerusalém — abandonando tudo o que era mais sagrado para o judaísmo — ele refugiou-se no deserto da Judeia, para anunciar o julgamento iminente e a enorme necessidade de purificação moral por parte de todos os judeus. Essa atitude radical e “carismática”, que destrói as linhas tradicionais de autoridade e continuidade, por certo está bem de acordo com a ação e mensagem de João, conforme apresentadas nas tradições de Marcos e Q <sup>37</sup>.

O comportamento inusitado de João Batista tem desafiado autores de todos os tempos <sup>38</sup>. Porém todos concordam que essa atitude radical está bem de acordo com a ação e mensagem de João, conforme apresentado nas tradições de Marcos e Q, relatadas por Lucas. “O menino crescia e se fortalecia em espírito. E habitava nos desertos, até o dia em que se manifestou a Israel” (Lc 1,80). Não existem relatos de que se apoie em algum mestre. Tampouco invoca alguma autoridade para legitimar sua ação. “De repente abandona a terra sagrada de Israel e vai ao deserto para proclamar sua mensagem: a história do povo eleito chegou a seu fracasso total”<sup>39</sup>.

O projeto de Deus ficou frustrado. A crise atual não é uma crise a mais. É o ponto final a que se chegou numa longa cadeia de pecados. O povo encontra-se agora diante da reação definitiva de Deus. [...] Todo o povo está contaminado, não só os indivíduos, todo o Israel precisa confessar seu pecado e converter-se radicalmente a Deus, se não quiser perder-se irremediavelmente. O próprio templo está corrompido, já não é mais um lugar santo, não serve para eliminar a maldade do povo, os sacrifícios são inúteis, é preciso um novo rito de

<sup>36</sup> MEIER, John P. **Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico**, volume 2, livro 1; mentor. Rio de Janeiro: Imago ed. 1996, p. 38-41.

<sup>37</sup> Idem: p. 41.

<sup>38</sup> PAGOLA. Op. cit. p. 89. De acordo com muitos autores (Meier, Theissen e Merz, Ernest, Webb), este seria o único dado que pode ser aceito como histórico do material trazido por Lucas no relato da “infância de João”.

<sup>39</sup> Idem: p. 89

purificação radical. [...] É preciso dirigir-se ao deserto, fora da terra prometida, para entrar novamente nela como um povo convertido e perdoado por Deus <sup>40</sup>.

“Para João a Aliança foi rompida. O pecado de Israel anulou-a” <sup>41</sup>. João anunciava o juízo iminente e gritava a necessidade de conversão com imagens duras e cortantes como facas. Exortava à penitência e exigia dos que acorriam a ele, para ouvi-lo, a conversão e a prática da justiça. A conversão deveria ser manifestada de maneira visível, por meio de um símbolo ritual: pela confissão pública dos pecados e pelo batismo com água. Ao se submeter, humildemente, a um batismo ministrado pelo pregador do arrependimento e do julgamento iminente, o candidato aceitava a verdade das palavras proferidas. João gritava que não adiantava apelar para a eleição por parte de Deus. Era imperativo reconhecer-se afastado de Deus, tomar consciência das faltas e, clamando por misericórdia, retornar a Deus.

Quando se cumprirem em ti todas estas palavras, — a benção e maldição que Eu te propus, — se as meditares em teu coração, em meio a todas as nações para onde Iahweh teu Deus te houver expulsado, e quando te converteres a Iahweh teu Deus, obedecendo à sua voz, conforme tudo o que hoje te ordeno, tu e teus filhos, com todo o teu coração e com toda a tua alma, então Iahweh teu Deus mudará a tua sorte para melhor e se compadecerá de ti: Iahweh teu Deus voltará atrás e te reunirá de todos os povos entre os quais te havia dispersado (Dt 30,1-3).

Longe da terra, longe de Deus. Retorno à terra, retorno a Deus. João não quer levar o povo ao desespero, pelo contrário, convida todos a acorrerem ao deserto para uma mudança radical de vida. Devem ir para o deserto, arrependerem-se, atravessarem o Jordão, saindo de Israel e, uma vez fora da terra prometida, tendo recebido o perdão de seus pecados, mergulharem novamente nas águas do Jordão. (O lugar fica na região da Pereia, às portas da terra prometida, mas fora dela) <sup>42</sup> e, uma vez purificados de seus pecados, poderem ingressar novamente na terra prometida, preparados para colher a iminente chegada de Deus <sup>43</sup>.

João é o “mensageiro precursor do Senhor” (Lc, 1,67-79), aquele que novamente guia Israel pelo deserto e volta a introduzi-lo na terra prometida.

E ele percorreu toda a região do Jordão, proclamando um batismo de arrependimento para a remissão dos pecados, conforme está escrito no livro do

---

<sup>40</sup> Ibidem: p. 89-90.

<sup>41</sup> Ibidem: p. 90.

<sup>42</sup> Ibidem: p. 91. Os estudos mais recentes sobre o Batista (Stegemann, Meier, Webb, Vidal) o situam batizando a *leste do Jordão*, no território da Pereia, que estava sob a jurisdição de Antipas. Isto explica que ele pudesse encarcerá-lo e executá-lo na fortaleza de Maqueronte, ao sul da Pereia. Na Judeia governava neste momento Pôncio Pilatos.

<sup>43</sup> PAGOLA. Op. cit. p. 92. Contra o que geralmente se afirma, parece que a estadia de João no deserto tinha mais o caráter simbólico de uma ‘vida fora da terra prometida’ do que o tom ascético de um penitente.

profeta Isaias: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, tornai retas suas veredas (Lc 3, 3-4).

Meier destaca que “muitos autores”<sup>44</sup>, ainda hoje, se debruçam sobre como situar a figura de João dentro do vasto campo em que se apresentam os profetas de Israel. E pergunta: Seria João uma figura apocalíptica ou escatológica? E responde: É certo que João apresenta características do pensamento e da literatura dos apocalípticos, mas nem ele, nem seus seguidores, se valem de escritos de linguagem do mistério para ganhar legitimidade. Seu discurso é simples e claro, ele prega com base em sua autoridade pessoal, que parece sentir provir diretamente de Deus. Assim, talvez, seja mais exato descrever João como um profeta escatológico, com alguns toques apocalípticos. A radicalidade e a originalidade da atividade de João, deram origem a especulações sobre a figura do Messias. Seria João o Messias ansiosamente esperado por Israel?

“João nunca se considerou o Messias dos últimos tempos”<sup>45</sup>. Ele tinha consciência de que era aquele que apenas iniciava a preparação. Via muito além do seu tempo, compreendia-se como parte de um processo dinâmico, com duas etapas bem definidas: A primeira etapa seria a da preparação, no deserto, em um batismo ‘com água’, batismo de conversão a Deus e a acolhida de seu perdão. Depois viria outra etapa, que seria experimentada e vivida dentro da terra prometida. Ele não seria o protagonista, mas alguém ‘mais forte’, que batizará ‘com o Espírito Santo e com fogo’. Batismo definitivo que conduzirá a uma vida plena. Israel será renovado e transformado. O povo conhecerá uma vida digna e justa numa terra prometida. Viverá uma Aliança com seu Deus.

Naquele tempo, as pessoas perguntavam se João não seria o Messias. Ele tomou a palavra e disse a todos: Eu vos batizo com água, mas vem aquele que é mais forte do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com o fogo. Ele tem na mão a peneira para ventilar sua eira e reunir o trigo no celeiro e queimar a palha numa fogueira que não se apaga. Acrescentando muitas outras coisas, exortava o povo e lhe anunciava a Boa Nova (Lc 3,10-18)<sup>46</sup>.

O batismo que João oferece é precisamente o novo rito de conversão e perdão radical de que Israel necessita: o começo de uma eleição e de uma aliança nova para esse povo fracassado.

Jesus fica encantado, seduzido e profundamente impactado por essa visão grandiosa. Esse homem põe Deus no centro e no horizonte de toda busca da salvação. Tudo o mais: o templo, os sacrifícios, as interpretações da lei, a

<sup>44</sup> MEIER. Op. cit. p. 49-51;109. Por exemplo, Hollembach se refere a ele como “um sacerdote rural alienado que se viu compelido a assumir o papel de profeta apocalíptico”.

<sup>45</sup> PAGOLA. Op. cit. p. 96-98.

<sup>46</sup> PAGOLA, José Antonio. **O Caminho aberto por Jesus**: Lucas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 p. 53.

pertença ao povo eleito – tão cara a Israel – ficam relativizados. Só uma coisa é decisiva e urgente: converter-se a Deus e acolher seu perdão <sup>47</sup>.

### **Jesus é batizado** <sup>48</sup>

“Um dia aparece na fila dos penitentes, como mais um entre tantos, Jesus. Ninguém o conhecia, nem sequer João” <sup>49</sup>. É chegado, afinal, o momento em que Jesus de Nazaré, já adulto, aparece na história e se submete a esse mesmo rito. Os evangelistas percebem o paradoxo desse gesto, e o narram assim:

O evangelista João relata um diálogo entre o Batista e Jesus, cuja finalidade exclusiva é afastar o gesto de Jesus da esfera da penitência; Jesus não confessa os próprios pecados, mas é o Espírito que dá testemunho de sua eleição divina (Jo 1,29-34). O modo de proceder de Mateus é idêntico: a recusa de João Batista (Mt 3,14) é situada numa intenção apologética. Quanto a Lucas, evita igualmente a dificuldade: João Batista já está na prisão quando relata o batismo de Jesus. Marcos afirma o batismo de Jesus por João Batista e completa a narrativa com a abertura dos céus, a vinda do Espírito Santo, a voz celeste (Mc 1,9-11) <sup>50</sup>.

Os Evangelhos narram o batismo de Jesus por João, a partir da experiência de fé da comunidade, após a morte e ressurreição de Jesus. “Por essa razão, os relatos mostram uma tendência claramente apologética” <sup>51</sup>. Afinal era preciso explicar o paradoxo de que Jesus, não tendo pessoalmente pecado algum, se permitiu batizar por João Batista. Assim a narrativa vai de encontro ao desejo de todos os quatro evangelistas, qual seja, o de mostrar que João Batista era o precursor, o anunciador e a testemunha histórica de Jesus.

De qualquer forma, independente do momento exato ou das circunstâncias em que Jesus tomou a decisão de romper com seu passado e promover uma guinada em sua vida, o batismo ministrado por João revela que Jesus ainda não tem um projeto próprio bem definido, pelo menos no início de seu ministério público <sup>52</sup>.

<sup>47</sup> PAGOLA, José Antonio. **Jesus: aproximação histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 90.

<sup>48</sup> MEIER. Op. cit. p. 137 e 259. Esta posição é sustentada, com vários graus de ênfase, até mesmo por Bultmann e muitos pós-bultmannianos, conhecidos por não se mostrarem excessivamente crédulos em aceitar eventos dos Evangelhos como históricos.

<sup>49</sup> BARREIRO, Álvaro, SJ. **Do Jordão a Betânia: Contemplando os mistérios da vida pública de Jesus**. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p. 22.

<sup>50</sup> DUQUOC, Christian. **Cristologia: ensaio dogmático I**. São Paulo, Edições Loyola, 1977, p. 40-41.

<sup>51</sup> BARREIRO. Op. cit. p. 23

<sup>52</sup> PAGOLA. Op. cit. p. 100. Causa surpresa que não poucos investigadores ignorem a importância do Batista, tão vigorosamente realçada pelo próprio Jesus, e não levem em consideração ao procurar entender sua inspiração inicial. No entanto, o batismo de Jesus é o único fato historicamente comprovável que nos permite aproximar-nos do ‘início’ de sua missão.

Para Meier, o batismo indica que Jesus conhecia, presumivelmente por tê-la ouvido de fonte direta, a mensagem escatológica básica de João, e que concordava com ela.

Aceitando o ‘batismo de João’, é possível supor que Jesus concordava que a situação de Israel havia atingido níveis alarmantes e que sua história, como era conhecida até então, aproximava-se do fim; que o povo precisava, urgentemente, converter-se radicalmente a Deus, acolhendo seu perdão; que Jesus partilhava da perspectiva escatológica, com alguns toques apocalípticos, de João Batista. Além disso, o fato de Jesus aceitar o batismo de João indica que ele próprio se considerava pertencente ao povo de Israel. Mais importante de tudo isso é que Jesus compartilhava da esperança do Batista. Sentia-se encantado com a ideia de preparar o povo para o encontro com Deus <sup>53</sup>.

### **O Batismo de Jesus no Evangelho de Lucas**

“Ora, tendo todo o povo recebido o batismo, e no momento em que Jesus, também batizado, achava-se em oração, o céu se abriu e o Espírito Santo, desceu sobre ele em forma corporal, como pomba. E do céu veio uma voz: *“Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei”* (Lc 3,21-22).

Para Barreiro “os relatos evangélicos do batismo de Jesus têm um caráter apologético. Isso nos revela que havia resistência à incorporação desse evento, na consciência cristológica das comunidades, para as quais escreviam os evangelistas” <sup>54</sup>. A narrativa de Lucas destaca, como tantas outras vezes ainda o fará ao longo de seu Evangelho, que Jesus “estava em oração quando o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele” (Lc 3,21). O destaque no batismo, para Barreiro, “não é quem batiza, o importante é o dom do Espírito que inaugura o novo tempo messiânico” <sup>55</sup>.

Segundo Pagola, apesar dos evangelistas não poderem descrever o que Jesus viveu em sua intimidade, conseguiram, porém, recriar uma cena comovedora, para sugeri-la.

A “abertura dos céus”: significa que já não há mais distâncias entre Deus e os homens, novas relações foram inauguradas entre Deus e os homens. Agora Deus se comunica intimamente com Jesus. Ouve-se uma voz *‘Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei’!* O essencial está dito. Isto é o que Jesus ouve de Deus em seu interior: “Tu és meu. És meu Filho. Teu ser está brotando de mim. Eu sou teu Pai. Amo-te com amor entranhável; enche-me de prazer que sejas meu Filho; sinto-me feliz” <sup>56</sup>.

“A partir dessa fortíssima experiência de unção messiânica, Jesus só invocará o Pai com um nome: Abbá. Doravante não o chamará com outro nome ao comunicar-se com ele. Esta

<sup>53</sup> MEIER. Op. cit. p.150.

<sup>54</sup> BARREIRO. Op. cit. p. 23.

<sup>55</sup> Idem: p. 26-27.

<sup>56</sup> PAGOLA, José Antonio. **O Caminho aberto por Jesus: Lucas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 62-63.

palavra diz tudo: sua confiança total em Deus e sua disponibilidade incondicional”<sup>57</sup>. Brota em Jesus uma espontânea relação de mansidão e confiança em Deus. Abandona-se totalmente ao Pai, confiando plenamente em Deus. Doravante, viverá procurando fazer a alegria e a vontade do Pai. Jesus descobre um Pai, amoroso e misericordioso, que quer o melhor para os seus filhos.

Barreiro destaca que a “*voz vinda dos céus*” revela quem é Jesus, sua verdadeira identidade:

O “Filho/Servo único”, o “Filho predileto”, o “Filho amado” pelo Pai com um amor único, no qual tem toda a sua complacência, todo o seu bem querer. Em Is 42,1ss., o termo hebraico *ebed* é traduzido pelo termo grego *pais*, que pode significar “servo” e “filho”. Na teofania do batismo, a filiação de Jesus é apresentada intencionalmente com esta ambiguidade da palavra grega *pais*: com a dignidade do Filho e com o serviço do Servo. O sentido do verbo (*eudokeo*) é que Jesus foi eleito por Deus livre e amorosamente para realizar sua missão na forma do Servo Sofredor. O próprio Jesus interpretará sua morte como um batismo: “*Devo receber um batismo, e como me angustio até que esteja consumado*” (Lc 12,50); “*Podeis beber o cálice que eu beberei, e com o batismo com que eu for batizado, sereis batizados?*” (Mc 10,38)<sup>58</sup>.

Aqui reside o sentido primordial da narrativa que aprofunda a encarnação do Verbo na direção da cruz. O Batismo de Jesus é imagem de sua morte e remete necessariamente ao seu nascimento e à sua ressurreição, enquanto mistérios que se tangem. A descrição da teofania pelo evangelista Lucas inclui a referência ao Sl 2,7: “Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei”.

O Batismo de Jesus é uma narrativa condensada do Mistério Pascal de Cristo que narra sua morte — descida ao Jordão — e, sua ressurreição — saída do Jordão e céus se abrindo. Seu Batismo é ainda lido e entendido em solidariedade com a humanidade. O Mistério da Páscoa do Senhor, simbolizados pelo seu Batismo, efetuam a redenção do ser humano.

### **Genealogia de Jesus (Lc 3,23-38)**

Lucas espera até este ponto da narrativa para inserir a árvore genealógica de Jesus. Kodell relata que: “talvez Lucas faça isso para enfatizar a dramática importância da unção pelo Espírito Santo ocorrida no Jordão, como início do ministério público de Jesus”<sup>59</sup>. As listas de

<sup>57</sup> PAGOLA, José Antonio. **Jesus**: aproximação histórica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 373. O costume bem atestado que Jesus tem de invocar a Deus com o termo aramaico *abbá*, que indica proximidade e imediatez singular (Mc 14,36); sua consciência de ter poder para perdoar pecados na terra (Mc 2,10); sua declaração de atuar como “Senhor do sábado” (Mc 2,28); suas duas atitudes básicas de confiança absoluta e de docilidade incondicional a Deus, seu Pai, até sua morte (Mc 14,36); a experiência do Jordão, na qual Deus não se mostra a ele como Mistério inefável e sim como um Pai que dialoga com ele para revelar-lhe seu mistério de Filho (Mc 1,10-11)...constituem a base histórica principal que permitiu a seus discípulos chegarem a fé em Jesus Cristo como Filho de Deus à luz da fé pascal.

<sup>58</sup> BARREIRO. Op. cit. p.27.

<sup>59</sup> KODELL, Jerome; BERGANTE, Dianne; KARRIS, Robert J. (Org.). **Comentário Bíblico - vol. 3**. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 79.

Lucas e de Mateus contém muitas diferenças, mas se harmonizam com os propósitos dos evangelistas. Mateus, ao registrar a ascendência de Jesus em Abraão, está interessado nas referências judaicas de Jesus, visto estar escrevendo para leitores cristãos hebreus.

A genealogia, segundo Mateus, é fundamentalmente marcada pela teologia da Aliança e está se baseia nos personagens Patriarcais e Reais. Abraão e Davi ocupam o centro deste argumento. Note-se que, embora não exista mais realeza depois do Exílio, o conceito de messianidade é fortemente marcado pela realeza representada por Davi <sup>60</sup>.

Já Lucas, está escrevendo para cristãos vindo do paganismo e ao registrar a ascendência de Jesus a partir de Adão, quer mostrar, desde o início, que Jesus traz a salvação para toda a humanidade, desde Adão.

Ambas as genealogias trazem a ascendência de Jesus a partir de José, da casa de Davi. A referência no v. 23 — *Jesus tinha mais ou menos 30 anos* — é um dos raros indícios da idade de Jesus durante seu ministério (Jo 2,20) <sup>61</sup>.

### **Jesus é tentado no deserto (Lc 4,1-13)**

Antes de iniciar seu ministério, “Jesus, pleno de Espírito Santo, voltou do Jordão; era conduzido pelo Espírito através do deserto para ser tentado, durante quarenta dias, pelo diabo. Nada comeu nesses dias e, passado esse tempo, teve fome” (Lc 4,1-2). Para Rius-Camps, Lucas emprega em seu Evangelho a linguagem dos símbolos para expressar realidades que dificilmente, se poderiam descrever com uma linguagem simples.

A cena da prova a que Jesus é submetido logo depois de sua unção como Messias descreve antecipadamente todas as tentações de liderança, poder despótico ou milagreiro que lhe sobrevirão a partir deste momento e até a morte na cruz; a tríplice prova engloba todas <sup>62</sup>.

Segundo Kodell, “o deserto da Judeia não é a terra inculta arenosa do Saara” <sup>63</sup>. As áreas ao redor do mar Morto são completamente áridas, mas em sua maior parte o deserto palestino é semiárido, com alguma vegetação, principalmente no inverno. Era um lugar perigoso, inexplorado, habitado por animais selvagens e bandidos.

Com pequenas variações, os evangelistas Marcos, Mateus e Lucas narram, de maneira sóbria e objetiva, o preâmbulo do ministério de Jesus. A sobriedade e serenidade dessas narrativas, procuram manifestar a opção irrevogável de Jesus por um messianismo conforme a

<sup>60</sup> NEGRO, Mauro. **O Justo José:** A vocação de José, no relato de Mateus. In: Revista de Cultura Teológica, v. 20. n. 77, JAN/MAR 2012, p. 111-157, p. 119.

<sup>61</sup> KODELL. Op. cit. 79-80.

<sup>62</sup> RIUS-CAMPS, Josep. **O Evangelho de Lucas:** O êxodo do homem livre. São Paulo: Paulus, 1995, p. 69.

<sup>63</sup> KODELL. Op. cit. p.80.

vontade de Deus. Barreiro entende que as tentações experimentadas por Jesus não são propriamente de ordem moral, mas são tentações messiânicas.

O alvo do tentador não é a moralidade das ações externas de Jesus, mas sua atitude interior de obediência à vontade de Deus. As primeiras comunidades cristãs fizeram questão de relatar a experiência das tentações de Jesus, por tratar-se de um acontecimento chave para a compreensão de toda sua vida e missão. A importância dada nas catequese da Igreja primitiva ao fato das tentações de Jesus, entendidas não primariamente como uma sedução para a corrupção moral, mas como uma prova de fidelidade a Deus, manifesta-se em textos, como Hb 4,15: “Não temos um sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado em tudo como nós, com exceção do pecado”<sup>64</sup>.

Partindo da íntima ligação que os sinóticos estabelecem entre os dois episódios, o do batismo e o da tentação, é possível avançar nas considerações sobre as tentações messiânicas. João Batista anuncia a vinda de alguém que é *mais forte* do que ele mesmo e que batizará no Espírito (Lc 3,16). A narrativa do batismo de Jesus, seguido da narrativa das tentações, indica quem é esse alguém mais forte. É o próprio Jesus, que agora revestido pelo Espírito possui o poder de vencer o mal e de inaugurar um novo tempo, o tempo do Messias. O tempo se cumpriu em Jesus com a irrupção do Reino de Deus. Para Barreiro, as tentações são o acesso que levam ao mistério de Jesus:

Como Israel, que era “Filho de Deus”, foi conduzido por Deus para o deserto, onde seria “posto à prova” sua fidelidade; como Moisés passou 40 dias e 40 noites no monte Sinai, na presença de Javé, sem comer nem beber (Ex 34,28); como Elias, sustentado pela comida trazida pelo anjo, “caminhou 40 dias e 40 noites até a montanha de Deus, o Horeb” (1Rs 19,8); assim Jesus, depois de ser proclamado Filho de Deus no batismo, e como preparação imediata para o seu ministério, foi conduzido pelo Espírito para o deserto para ser tentado por Satanás durante 40 dias e 40 noites. As cenas do batismo e das tentações, que os sinóticos fazem questão de vincular, nos dão a chave de leitura de toda a vida de Jesus. Ele vai para o deserto a fim de inaugurar a vida pública com uma demonstração de sua fidelidade incondicional ao Pai<sup>65</sup>.

Na primeira tentação Lucas mostra o tentador interpelando Jesus pelo nome recebido no batismo: “Se és Filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão” (Lc 4,3). Não há questionamento sobre a messianidade de Jesus, o tentador reconhece nele o enviado de Deus, sua intenção é desviar Jesus da intimidade com Deus. É a tentação do *messianismo mundano*, da busca pela *posse* das coisas temporais. Jesus é tentado a transformar pedras em pão, ou a usar sua relação com Deus em benefício próprio. Jesus formula sua resposta a partir do Livro

---

<sup>64</sup> BARREIRO. Op. cit. p. 33-34.

<sup>65</sup> Idem: p. 35.



de Deuterônimo, que descreveu a apostasia de Israel no deserto (Dt 8,3). “Replicou-lhe Jesus: “Está escrito: *Não só de pão vive o homem*” (Lc 4,4).

Em sua resposta, Jesus afirma que existem coisas essenciais — a Palavra de Deus — e coisas secundárias — o pão. A abundância ou satisfação da fome — dos desejos — não deve ser buscada a qualquer preço... Há outros alimentos que são igualmente imprescindíveis para que o homem viva, e viva em plenitude: a ação de graça, a generosidade e a gratuidade, a alegria e a esperança, a fidelidade e o serviço. Sem esses alimentos cotidianos, o coração resseca e o homem morre <sup>66</sup>.

Santo Ambrósio de Milão, refletindo sobre a Palavra de Deus afirma: “A Palavra de Deus é a substância vital de nossa alma; ela a alimenta, a apascenta e a governa e não há outra coisa, fora da Palavra de Deus, que possa fazer viver a alma do homem <sup>67</sup>.

A segunda tentação, nas palavras de Duquoc é, talvez, a mais sedutora, é a tentação do *messianismo político*, do *poder*, da *dominação*. Jesus é tentado a escolher o poder, a idolatria e a dominação em detrimento do serviço. “O diabo, levando-o para mais alto, mostrou-lhe num instante todos os reinos da terra e disse-lhe: “Eu te darei todo esse poder com a glória destes reinos, porque ela me foi entregue e eu a dou a quem eu quiser. Por isso se te prostares diante de mim, toda ela será tua” (Lc 4, 5-6).

Existe aqui, sem dúvida, uma alusão à tentação de poder que Israel experimentou após a conquista da Terra prometida. Isso se constituiu em idolatria, e os profetas jamais cessaram de lutar contra essa perversão do messianismo <sup>68</sup>.

Jesus responde a partir do Livro de Deuterônimo 6,13. Replicou-lhe Jesus: “Está escrito: *Adorarás ao Senhor teu Deus, e só a ele prestarás culto*” (Lc 4,8).

Jesus é o Servo de que fala Isaias (Is 53-54). Tem uma confiança absoluta na proteção de Deus. Nenhuma necessidade tem de verificá-la. Pouco lhe importa que essa confiança se concretize ou não num ato de poder. Jesus não deixará de ter confiança igual em Deus, quando experimentar o abandono da cruz. Para o Servo, o critério da autenticidade divina de uma missão não é a manifestação de poder ou de prestígio <sup>69</sup>.

A terceira e última tentação é, para Duquoc, a tentação mais direta, a mais terrível, a do *messianismo milagroso*, das petições de *sinais* a Deus. Jesus é levado ao Templo de Jerusalém. Provavelmente Lucas queira enfatizar Jerusalém como centro e eixo da obra salvífica de Jesus e da Igreja Primitiva. “O tentador conduzindo-o a Jerusalém colocou-o sobre o pináculo do

<sup>66</sup> Ibidem: p. 39.

<sup>67</sup> CANTALAMESSA, Raniero. **O Verbo se faz carne**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2012, p. 532.

<sup>68</sup> DUQUOC. Op. cit. 55.

<sup>69</sup> Idem: p. 55.

Templo e disse-lhe: “Se és o Filho de Deus, atira-te para baixo, porque está escrito: *Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito, para que te guardem. E ainda: E eles te tomarão pelas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra*” (Lc 4,9-12).

Muitas vezes Israel pediu a Deus que manifestasse seu poder, e interviesse no decorrer de sua história por meio de prodígios: “Que as nações reconheçam como o reconhecemos nós, que não há Deus fora de vós. Renovai os prodígios e reproduzi os portentos, valorizai vossa mão e reforçai vosso braço direito” (Eclo 36,4-5). Jesus recusa a oferta a partir de um texto tirado do Livro de Deuteronômio 6,16. Ele nos faz lembrar as provações sofridas por Israel em Massa, quando o povo colocou Deus a prova, obrigando-o a intervir poderosamente <sup>70</sup>.

“Mas Jesus lhe respondeu: “Foi dito: *Não tentarás ao Senhor teu Deus*” (Lc 4,12). Jesus manifesta sua total convicção na proteção de Deus. A obediência de Jesus é exercitada sobretudo através da obediência às palavras escritas.

Nas narrativas das tentações do deserto, a obediência de Jesus consiste em proclamar a palavra de Deus e ater-se a esse: “Está escrito! Foi dito”! Sua obediência é exercitada, de modo particular, “sobre palavras que foram escritas e faladas sobre ele e por ele na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24,44) e que ele, como homem, descobre pouco a pouco, à medida em que avança na compreensão e no cumprimento de sua missão.

“Tendo acabado toda a tentação, o diabo o deixou até o tempo oportuno” (Lc 4,13).

“O ‘diabo’ não é outro, senão o espírito de poder e dominação vigente na sociedade, indiferente às desastrosas consequências que acarreta o uso do poder para a humanidade. Contra Jesus não teve sucesso. A tentação fracassou porque o amor de Jesus pelo Pai era infinitamente mais forte do que todo e qualquer questionamento <sup>71</sup>.

---

<sup>70</sup> Ibidem: p.54.

<sup>71</sup> RIUS-CAMPS. Op. cit. 70.

## CAPÍTULO II

### JESUS: O PROFETA DE DEUS

Neste capítulo analisaremos o roteiro da vida pública de Jesus na Galileia e regiões circunvizinhas. Abordaremos inicialmente, o Anúncio de sua Missão junto aos seus conterrâneos. Em seguida apresentaremos seu projeto missionário, pautado, primordialmente, na libertação das amarras que oprimem as pessoas, desumanizando-as e fazendo-as sofrer. Jesus apresentará ao povo um Deus que defende aqueles que ninguém defende. Depois mostraremos seus movimentos à beira do lago de Genesaré, suas pregações às multidões, a escolha e o chamamento dos Doze discípulos. Finalmente evidenciaremos as exigências a serem enfrentadas por aqueles que decidirem, livremente, pelo seguimento ao Profeta de Deus.

#### 1. O Anúncio da Missão de Jesus em uma Sinagoga da Galileia

Tendo apresentado de maneira abreviada, antecipando os acontecimentos, todas as lutas interiores que Jesus teria de suportar durante sua existência, servindo-se da imagem das tentações no deserto, Lucas, agora, quer apresentar o programa que norteará a vida pública de Jesus.

Deixando o deserto, Jesus não se dirige a Jerusalém e nem permanece na Judeia. Vai diretamente para a Galileia. “Traz fogo em seu coração”<sup>72</sup>. Com a força do Espírito, começa a anunciar entre os pobres, os famintos, os deserdados, os enfermos e marginalizados das aldeias e dos povoados da região, a proximidade de Deus que já vem libertar seu povo de tanto sofrimento e opressão, anunciando a presença de Deus na vida de todos, não como ameaça e juízo, mas como possibilidade de salvação e esperança. “Sua fama espalhou-se por toda região circunvizinha. Ensinava nas sinagogas e era glorificado por todos” (Lc 4,14b-15).

O culto judaico no tempo de Jesus girava em torno do templo em Jerusalém. Era para a cidade santa que o povo voltava seus rostos quando estavam em oração. Mas, além do templo, outro elemento importante do culto judaico eram as sinagogas. Eram locais próprios para reuniões de oração e escuta da Palavra de Deus. As sinagogas se firmaram como locais de atividades religiosas e culturais a partir da experiência do exílio, quando não havia mais templo.

---

<sup>72</sup> PAGOLA, José Antonio, **Jesus: aproximação histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 109.

Pagola atesta que “Jesus nasceu num povo que sabia rezar. Em Israel não se vivia a crise religiosa que se observava em outros povos do Império”<sup>73</sup>. A Atmosfera que Jesus respira em Israel é muito diferente. Todo judeu piedoso começa e termina o dia confessando a Deus e bendizendo seu nome.

Tanto a oração do amanhecer como a do anoitecer começa com a recitação do *Shemá*, que não é propriamente uma oração, mas uma confissão de fé em que o orante não se dirige a Deus, mas o ouve: “Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh! Portanto, amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força. Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração!...” (Dt 6,4-9). Após o *Shemá* seguia-se uma oração formada por dezoito bênçãos (*Shemoné esré* ou *Amidá* ou, ainda *Tefilá*). Entre essas bênçãos citamos por exemplo a de n. 8: “Cura-nos, Senhor, nosso Deus, de todas as feridas de nosso coração. Afasta de nós a tristeza e as lágrimas. Apressa-te a curar nossas feridas. Bendito sejas, tu que curas os enfermos de teu povo”. Depois do *Shemá* e do *Shemoné esré* seguia-se, então “a leitura da Lei e dos Profetas e uma exortação, pronunciada por um dos presentes” (At 13,5). As reuniões terminavam com uma bênção: “Iahweh te abençoe e te guarde! Iahweh faça resplandecer o seu rosto sobre ti e te seja benigno! Iahweh mostre para ti a sua face e te conceda paz”! (Nm 6,24-26)<sup>74</sup>.

Jesus chegando em Nazaré onde fora criado e, segundo seu costume, entrou em “dia de sábado”<sup>75</sup> na sinagoga e se pôs de pé para fazer a leitura. Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, encontrou a passagem onde estava escrito:

*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção<sup>76</sup> para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor.* Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos na sinagoga olhavam-no, atentos. Então começou a dizer-lhes: *Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura.* Todos testemunhavam a seu respeito, e admiravam-se das palavras cheias de graça que saíam de sua boca (Lc 4, 18-22a).

A manifestação na sinagoga de Nazaré, além de inaugurar oficialmente a missão de Jesus e apresentar seu programa, é fundamental para a compreensão de sua experiência libertadora. “Para Lucas, é o próprio Jesus quem seleciona uma passagem do profeta Isaías e a lê às pessoas

<sup>73</sup> Idem: p.375.

<sup>74</sup> Ibidem: p. 376 - 377.

<sup>75</sup> MIRANDA, Mário de França. Org. **A pessoa e a mensagem de Jesus**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 112. Outro elemento importantíssimo do culto judaico no tempo de Jesus, além do Templo, era a lei do descanso sabático. Instituído para recordar o descanso de Deus no sétimo dia da criação do mundo, teve sua fundamentação doutrinal elaborada pela teologia sacerdotal (Dt 5,12-15).

<sup>76</sup> BENTO XVI, Papa. **Jesus de Nazaré**: primeira parte: do Batismo no Jordão à Transfiguração. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007, p.39. Em Is 11,2 desenvolve-se consequentemente a esperança a respeito de um verdadeiro “Ungido”, cuja “Unção” consiste precisamente em sobre Ele descer o Espírito do Senhor, “*O Espírito da sabedoria e da inteligência, o Espírito do conselho e da força, o Espírito do conhecimento e do temor de Deus*”.

de seu povoado, para que possam entender melhor o Espírito que o anima, as preocupações que traz em seu coração a tarefa à qual quer dedicar-se de corpo e alma”<sup>77</sup>.

Jesus está convicto de ser o profeta messiânico escolhido, mediante o dom do Espírito, para trazer a libertação aos pobres, aos cativos, aos aflitos e aos cegos. Lucas transforma em uma pregação, que se vai cumprir na pessoa, na palavra e na ação de Jesus de Nazaré, o que, outrora, Isaías anunciou profeticamente aos desterrados que, vindos do exílio babilônico, retornavam a Jerusalém. “Jesus assume este compromisso diante de todos na sinagoga de Nazaré, Jesus assume a proposta universal esboçada por aqueles esperançosos da época da restauração. Jesus identifica sua missão com a missão do Servo de Isaías”<sup>78</sup>. Sua mensagem ultrapassa qualquer enquadramento de cunho político ou mera denúncia das estruturas econômicas e sociais presentes na Palestina.

Nas suas lutas e pregações, os profetas perseguiam um objetivo: restaurar a Justiça e o Direito, “Tirai de minha vista vossas más ações! Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva! (Is 1,16-17).

A presença de órfãos e viúvas no meio do povo indicava a quebra da Aliança. Os profetas buscavam justiça, pedindo respeito aos direitos dos pobres e excluídos. Suas pregações, às vezes violentas, eram dirigidas contra o rei, contra o Templo, contra tudo e todos os poderosos que exploravam o povo. No fundo, os profetas tinham na memória, o período dos Juízes, “Naqueles dias não havia rei em Israel, e cada um fazia o que lhe parecia correto” (Jz 21,25)<sup>79</sup>.

Esse período em que se buscava viver a Aliança, praticando as Leis e os Mandamentos, marcou e serviu de modelo quando os sobreviventes do exílio babilônico, seguidores da escola de Isaías, animados pelas suas pregações consoladoras (Is 40-55), voltaram para Jerusalém.

A pregação do profeta da Consolação (Is 40-55) animava os exilados a compararem sua situação de exílio com a situação dos escravizados no Egito. O Senhor lhes dava uma nova oportunidade de recomeçar, porque um novo Êxodo estava acontecendo (Is 43,16-210 [...]). Este povo é como se fosse novo Abraão e nova Sara (Is 51 1-2). Pela vivência da Aliança surgiria um Povo Novo<sup>80</sup>.

<sup>77</sup> PAGOLA, José Antonio. **O Caminho aberto por Jesus: Lucas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 79.

<sup>78</sup> QUEIROZ, Dom Antônio Celso. **A Leitura Profética da História**. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 185.

<sup>79</sup> Idem: p.182.

<sup>80</sup> Ibidem: p. 183-184.

## 2. Jesus apresenta o “Projeto Luz das Nações” (Is 40-55)

Dom Antonio Celso salienta que “o cativeiro da Babilônia foi a maior crise da história do povo hebreu”<sup>81</sup>. Perderam tudo o que, até aquele momento, tinha sido o apoio da sua fé: a terra, a cidade santa de Jerusalém, o Templo, os reis, as pessoas amadas de suas famílias, enfim, a identidade do povo foi destruída levando-os a dizer: “Iahweh me abandonou; o Senhor se esqueceu de mim” (Is 49, 14). Mas, no meio daquele povo dilacerado pelo sofrimento, surgem os seguidores do grande profeta Isaías, pregando uma nova maneira de viver (Is 40-66). Relendo o passado, ultrapassando a ruptura violenta da realidade presente, descobriram novos sinais da presença de Iahweh. O Senhor brindava o povo com uma nova oportunidade, com a possibilidade de recomeçar uma nova história.

No Exílio, partilhando das agruras e do sofrimento do povo, os profetas fazem uma leitura dos acontecimentos. Eles concluem, junto com o povo, que a causa do desastre foi o afastamento da observância da Lei. A Aliança foi relegada a segundo plano (2Rs 17). O povo não viveu o compromisso assumido no Sinai. A profecia no Exílio atuou como uma cobrança da parte de Deus ao povo rebelde (Ezequiel). Ao mesmo tempo, anunciava um novo começo (Isaías II). Sempre fiel à Aliança, Javé dava ao povo uma nova oportunidade<sup>82</sup>.

Os textos bíblicos apresentam essa nova realidade todos poderão fazer parte do *novo povo* de Deus, até mesmo os estrangeiros (Is 56, 3-7); a *terra* será redistribuída e contemplará também os estrangeiros (Ez 47, 22-23). No *templo* todos os povos poderão adentrar (Is 56,7). O *culto* será universal, todos podem participar (Is 66,20). O *sacerdócio* já não é só para os levitas, mas para todos, até os estrangeiros (Is 66,21). O *reino* não mais pertencerá aos descendentes de Davi, mas é o próprio Iahweh que reinará (Is 43,15). A *eleição* do povo já não é um privilégio, mas um serviço, o povo será Servo (Is 42,1-9). A *missão* a que o povo é chamado é universal: ser “luz dos povos”, a serviço da justiça (Is 42,6). Os *missionários*, os mensageiros desta Boa Notícia, já não serão somente os judeus, mas todos aqueles que se converterem ao Senhor (Is 66,19). A *lei* será procurada e observada por todos os povos, que nela encontrarão uma luz, em suas caminhadas (Zc 8,23). A *pureza* não virá pela observância dos homens, mas sim da aceitação divina (Ml 1,11). *Jerusalém* será para todos os povos (Is 60 1-7). *Iahweh*, conduzirá o destino de todos os povos para sempre (Is 41,4)<sup>83</sup>.

<sup>81</sup> QUEIROZ, Dom Antônio Celso. **A Leitura Orante da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 1990, p. 57.

<sup>82</sup> QUEIROZ, Dom Antônio Celso. **A Leitura Profética da História**. São Paulo: Loyola, 1994, p. 135.

<sup>83</sup> QUEIROZ, Dom Antônio Celso. **A Leitura Orante da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 1990, p. 57-60.

Ultrapassando as fronteiras do conhecido e já vivido (monarquia, templo, território, raça lei), esses profetas abriram novas perspectivas e elaboraram o Projeto “Luz das Nações”<sup>84</sup>. Um projeto utópico e místico animava a caminhada do povo escolhido que voltava a Jerusalém. Deus continuava no meio do povo como o *go’el* — o parente próximo (Is 41,14), o Deus fiel, libertador e salvador dos necessitados.

Infelizmente os seguidores de Isaías não conseguiram implementar o projeto: “Os seguidores de Isaías não conseguiram levar a bom termo sua tarefa. Não conseguiram convocar o povo para reconstruir o país dentro dos princípios anunciados. A situação não era mais a mesma. A história não se repetiu. O Projeto Luz das Nações, plantado entre 520 (Zorobabel) e 445 (Neemias), germinou, mas não vingou”<sup>85</sup>.

Não conseguiram adesão do povo remanescente. A situação não era mais a mesma, o povo estava desunido, “as aspirações dos sobreviventes e dos remanescentes eram divergentes”<sup>86</sup>. As lideranças queriam reconstruir Jerusalém nos moldes do passado, o exílio foi um ponto fora da curva e por isso deveria ser esquecido. Tudo deveria ser reconstruído exatamente como era antes: o Templo, a monarquia, as glórias passadas.

Além disso, Israel não era mais um povo livre e independente. Eram tolerados por outra nação, voltaram do exílio não por força de sua organização, mas pelos interesses políticos do imperador persa. Não tiveram forças suficientes para fazer com que a profecia, proclamada com tantas esperanças, produzisse seus frutos. O projeto não vingou<sup>87</sup>

Mas a semente não morreu! “A Palavra de Deus não retorna a Ele sem antes ter produzido efeito” (Is 55,10-11).

Apesar de todas as adversidades, as orientações e esperanças do povo, que estavam registradas no Livro de Isaías, não se perderam. Jesus assume a proposta universal esboçada por aqueles esperançosos da época da restauração. Diante de todos, na sinagoga de Nazaré, Jesus assume ser a Luz das Nações (Lc 2,29-32). Jesus é o enviado de Deus (Lc 4,22)<sup>88</sup>.

O destaque, a diferença entre a pregação de Isaías e a de Jesus é assinalado pelo advérbio *hoje* (Lc 4, 21). O que era um anúncio escatológico agora torna-se realidade histórica. Jesus afirma ter chegado a era há tanto esperada. *Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem*

<sup>84</sup> QUEIROZ, Dom Antônio Celso. **A Leitura Profética da História**. São Paulo: Loyola, 1994, p. 182-186.

<sup>85</sup> Idem: p. 184.

<sup>86</sup> LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 2008, p. 309-318.

<sup>87</sup> QUEIROZ. Op. cit. 184.

<sup>88</sup> Idem: 185.

da *Escritura*, que ressoa na sinagoga de Nazaré e abre o tempo messiânico, a era definitiva da salvação. Jesus tem claro seu programa: semear a liberdade, a luz e a graça de Deus.

A vida de Jesus não foi messiânica. Foi a Igreja primitiva que assim a interpretou. Na verdade, é Deus mesmo que age em Jesus, para provocar nos homens a decisão exigida pela maturidade dos tempos. O reino ali está. No entanto, será somente após a morte de Jesus, à luz da fé pascal, que a atenção se desviará da mensagem para se cristalizar sobre a pessoa de Jesus, em quem se verá o Filho do Homem de Daniel e o Servo de Isaias<sup>89</sup>.

Pagola afirma que, “Jesus se sente *“ungido pelo Espírito”* de um Deus que se preocupa com os que sofrem”<sup>90</sup>. É esse Espírito que o impelirá a dedicar toda sua vida a libertar, aliviar, curar e perdoar todos os que o procurarem e o aceitarem. Sua preocupação primeira é com a dor, com o sofrimento humano. Jesus chama seus discípulos a cultivarem uma espiritualidade de responsabilidade absoluta, para atender à dor dos que mais sofrem. O discurso programático de Jesus é profundamente revolucionário. Restaurar a visão, proclamar a remissão aos cativos e oprimidos, proclamar o ano aceito e trazer a boa-nova, são diferentes maneiras de descrever a libertação. Para Pagola, a *“opção pelos pobres”* proclamada por Jesus é a opção do Espírito de Deus que o animará por toda sua vida.

Não nos enganemos. Sua mensagem não é uma boa notícia para todos, de maneira indiscriminada. Ele foi enviado para dar uma boa notícia aos pobres [...], os marginalizados pela sociedade, os privados de toda defesa, os que não encontram lugar na convivência dos fortes, os despojados pelos poderosos, os humilhados pela vida. Eles são os destinatários do reino de Deus, os que se alegrarão quando Deus “reinar” entre seus filhos e filhas<sup>91</sup>.

Mas essa opção de Jesus pelos pobres, não significa privilégio, não se trata de um tratamento especial. A posição de Jesus é simples e clara.

Jesus nunca afirmou ou louvou os pobres, pelo fato de serem pobres, por suas virtudes ou qualidades. Provavelmente aqueles camponeses não eram melhores do que os poderosos que os oprimiam; também eles abusavam dos mais fracos e exigiam o pagamento das dívidas sem compaixão alguma. Se Deus se põe do lado deles, não é porque o mereçam, mas porque precisam, são oprimidos, necessitados de justiça e, Deus, não pode reinar senão defendendo a sorte dos injustamente maltratados, fazendo justiça sobretudo àqueles a quem ninguém faz<sup>92</sup>.

Deus quer libertar as pessoas de tudo quanto as desumaniza e as faz sofrer. Deus defende aqueles que ninguém defende! Jesus está dizendo aos seus familiares, aos seus amigos e a todos,

---

<sup>89</sup> DUQUOC. Op. cit. p.69.

<sup>90</sup> PAGOLA. Op. cit. p. 79.

<sup>91</sup> Idem: p. 81.

<sup>92</sup> PAGOLA, José Antonio. **Jesus**: aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 131.



que as coisas precisam mudar. A irrupção de Deus está pedindo uma mudança profunda, é preciso mudar a maneira de pensar e agir.

Nazaré era uma pequena aldeia, perdida entre as colinas da Galileia. Ali todos conheciam Jesus: viram-no brincar e trabalhar entre eles. A humilde sinagoga do povoado está cheia de seus familiares, seus amigos de infância e seus conhecidos. Não poderiam imaginar que fosse um profeta. Nada, em sua vida cotidiana, deixava transparecer essa eleição. E diziam: “Não é este o filho de José”? (Lc 4, 22b). Não conseguiam discernir a salvação presente nele.

O Espírito criador que desaparecera com o último dos profetas inspirados, novamente sopra sobre o país ressequido: a nova criação começou. Os infelizes ouvem a Boa Nova, as portas das prisões se abrem, os oprimidos tornam a respirar, os viajantes cegos podem andar na luz: a nova criação começou. Chegou o tempo da salvação, pois *chegou o redentor*, já agora. Acendeu-se a luz<sup>93</sup>.

A palavra de Jesus faz transparecer aquilo que sua presença cotidiana não havia desvelado. Ela é um grito de júbilo. Acabou a maldição. Os tempos foram cumpridos quando Jesus anunciou a salvação de Deus. A rejeição que Jesus experimenta em sua comunidade prenuncia a rejeição com que será recebido durante sua caminhada. Lucas a antecipa: “Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido em sua pátria” (Lc 4,24b). Pedem que faça entre eles as curas que realizou em Cafarnaum. Não querem um profeta de Deus. Rejeitado em seu próprio povoado, Nazaré, Jesus recorda os episódios dos profetas: Elias, com a narrativa da viúva de Sarepta e Eliseu, com a cura de Naamã, ambos estrangeiros e pagãos. Os estrangeiros, aqui por Lucas recordados, acenam que a missão de Jesus não se restringirá a Israel. “Diante dessas palavras, todos na sinagoga se enfureceram. E, levantando-se, expulsaram-no para fora da cidade” (Lc 4, 28-29a). Jesus prosseguiu o seu caminho *descendo* à cidade de Cafarnaum onde encontra o povo mergulhado em seus sofrimentos cotidianos. Deus misericordioso *desce* ao encontro dos necessitados<sup>94</sup>.

### 3. A Escolha dos Doze

Na narrativa de Mateus, Jesus ao ouvir que João havia sido preso, voltou para Galileia e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, pequeno povoado de pescadores situado junto ao lago de Genesaré, na região de Zabulon e Neftali, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías: “Terra de Zabulon, terra de Neftali, caminho do mar, região além do Jordão,

<sup>93</sup> JEREMIAS Joachim. *As Parábolas de Jesus*. São Paulo, Paulus, 2016, p. 121.

<sup>94</sup> PAGOLA, José Antonio. *O Caminho aberto por Jesus: Lucas*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 91.

Galileia das nações! O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz; aos que jaziam na região sombria da morte, surgiu uma luz” (Mt 4, 14-16).

Geograficamente, o lago era o centro da Galileia e, em torno dele, surgiram os povoados. Jesus se estabeleceu em Cafarnaum e começou a anunciar, nos povoados da redondeza, seu ministério misericordioso, ensinando a Palavra de Deus, curando as enfermidades do povo e expulsando demônios, sempre com autoridade e poder.

A autoridade de Jesus que chocava pela originalidade de seus ensinamentos, é a manifestação da qualidade excepcional desse homem [...]. Os antigos teólogos, particularmente Santo Tomás (III, 42,1) relacionavam a pregação de Jesus a seu “*Poder*”. Queriam com isso, dar a entender que Jesus em sua vida cotidiana, nada havia manifestado de seu ministério: esse é revelado aos poucos, através de sua Palavra e milagres [...]. A pregação de Jesus, da mesma maneira que seus milagres, é uma epifania da glória do Filho do Homem <sup>95</sup>.

A recepção de Jesus em Cafarnaum é o oposto da recepção em Nazaré. O povo procura retê-lo em seu meio. Mas Jesus lhes disse: Devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isso que fui enviado” (Lc 4,43). O Reino de Deus está no centro da missão e pregação de Jesus. Para ele o Reino aparece, em sua pregação, como a realidade última a ser buscada. Mas este Reino não é uma realidade apenas futura, ele está também, se realizando, está próximo, está nas palavras e nas ações de Jesus.

Jesus tem a audácia de pregar não somente a vinda do reino, como também a proximidade e a certeza dessa vinda — ainda que em princípio o reino pareça tão pequeno como um grão de mostarda (Mc 4,30ss). Diferentemente dos apocalípticos, pois Jesus não anuncia a salvação somente para o futuro, mas afirma que já está chegando (Mc 1,15) <sup>96</sup>.

### **A iniciativa do convite de Jesus**

Deslocando-se à beira do lago de Genesaré, Jesus vai reunindo multidões ao seu redor. O povo está sedento da Palavra de Deus. “Lucas emprega o termo ‘*multidões*’ para designar as grandes massas de pessoas em torno de Jesus, que, embora seguissem Jesus, possivelmente de maneira entusiástica, nem sempre se traduzia em compromisso profundo e duradouro” <sup>97</sup>.

Eram, na maioria das vezes, ouvintes curiosos. Mas é do meio da multidão que se ouve a Palavra de Deus, que Jesus vai chamar os seus discípulos. Estar junto de Jesus, ouvindo sua

<sup>95</sup> DUQUOC. Op. cit. p.68.

<sup>96</sup> SOBRINHO, Jon. **Jesus, o libertador I**: A história de Jesus de Nazaré. São Paulo: Vozes, 1994, p.152.

<sup>97</sup> MEIER, John P. **Um judeu marginal**: repensando o Jesus histórico, volume 3, livro 1; companheiros. Rio de Janeiro: Imago ed. 1996, p.34.

palavra é a condição primeira da constituição do discipulado. Lucas enfatiza que o chamamento ao seguimento era iniciativa de Jesus. Seu chamado era decisivo e a adesão a ele, radical.

A tradição Q mostra Jesus chamando as pessoas para segui-lo. Q dá especial ênfase à natureza imperiosa de sua ordem, que não admite oposição nem demora, sejam quais forem as circunstâncias [...]. Lucas, mas, também Q, Marcos e João, enfatizam um elemento básico do discipulado: para tornar-se um discípulo de Jesus, é preciso partir deste a iniciativa de emitir uma ordem imperativa para segui-lo. Em todas essas diversas correntes da tradição, uma constante notável é o vocabulário de “seguir” ou “vir atrás” de Jesus <sup>98</sup>.

Na narrativa de Lucas, no relato do episódio da “pesca milagrosa”, Simão é chamado a seguir Jesus. Sua obediência está baseada na fé. “Mestre [...] porque mandas, lançarei as redes [...] Não tenhas medo! Doravante serás pescador de homens” (Lc 5,5-11). Doravante Simão será chamado Pedro. “É significativo que a fala ‘pescador de homens’ (Lc 5,10b) seja o componente do chamado de Pedro. Ao chamado de nenhum outro discípulo foi utilizada essa expressão. Como essa metáfora não aparece mais na boca de Jesus, acredita-se que se tratou de um chamado especial a Pedro” <sup>99</sup>. Ato contínuo Jesus chama os irmãos Tiago e João. Esse primeiro chamado dá lugar à constituição do grupo israelita (Lc 5,1-11). Abandonando tudo eles o seguem.

Os excluídos de Israel, intuindo que Jesus poderia livrá-los daquela situação de marginalização, se aproximam dele, violando a Lei e suplicando-lhe a cura e libertação de seus males (Lc 5,12-6,11). Ao mesmo tempo em vai exercendo seu ministério misericordioso, Jesus também aproveita para escolher os outros discípulos, formando assim o grupo dos doze, “aos quais deu o nome de apóstolos” (Lc 6,13b).

Nunca, nem Jesus nem os outros seguidores os chamaram de “apóstolos”. A investigação moderna conseguiu esclarecer bastante a confusão existente entre os próprios evangelistas no uso de diferentes termos. “Discípulos” são todos os varões e mulheres que seguem Jesus em sua vida itinerante. Os “Doze” formam um grupo especial dentro do conjunto de discípulos. Por outro lado, os “apóstolos” ou “enviados” são um grupo concreto de missionários cristãos (mais de doze) que eram enviados pelas comunidades cristãs para difundir a fé em Jesus Cristo <sup>100</sup>.

Os Doze são o núcleo mais importante e estável dentre os discípulos. Movem-se à sombra de Jesus. São testemunhos vivos da esperança que ele traz em seu coração: conseguir a restauração de Israel como germe do reino de Deus. Foi o próprio Jesus quem se fez rodear por

<sup>98</sup> Idem: p.64-65.

<sup>99</sup> Ibidem: p. 175.

<sup>100</sup> PAGOLA, José Antonio, **Jesus: aproximação histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 329.

esse grupo de Doze. Provavelmente todos são judeus, são pessoas simples e pouco cultas. Entre eles não há escribas nem sacerdotes. Pedro era casado, os outros eram, talvez, solteiros. A maioria tinha abandonado toda a família, mas Tiago e João trazem sua mãe Salomé, assim como Tiago menor e seu irmão Judas, acompanhados por sua mãe Maria. A maioria provinha de famílias judaicas; no entanto alguns, provavelmente falavam grego (Filipe e André). Ao que parece, Jesus teve uma relação especial com Pedro e a dupla de irmãos Tiago e João. Sem dúvida, Pedro é o discípulo mais destacado do grupo. Seu nome sempre encabeça as listas dos Doze, transmitidas pelas fontes cristãs <sup>101</sup>.

Segundo Meier, a intenção básica de Jesus ao chamar os Doze parece ter tido um alcance mais amplo do que simplesmente proporcionar um exemplo permanente de discipulado. Sua intenção, ao que parece, correspondia ao cerne de sua proclamação a Israel: o evento do Reino de Deus, que deveria estabelecer seu domínio definitivo sobre um Israel restaurado. Assim, o tema da reconstituição escatológica de um Israel fragmentado, da reunião das doze tribos de Israel, algumas vezes por Deus, outras por um rei davídico ou por Elias, sempre esteve presente nos textos pós-exílio. Dos profetas maiores e menores, até a posterior literatura narrativa e de sabedoria, o que veio a ser o A.T. canônico, até a literatura pseudo-epigráfica e qumranita próxima ao tempo de Jesus, todos os tipos de formas literárias representando várias correntes do judaísmo pós-exílio atestam a vívida e continuada esperança da reunião do povo de Deus disperso, da reunificação das doze tribos na terra prometida. É nesse contexto de escatologia da restauração, que a proclamação profética de Jesus e sua instituição dos Doze devem ser entendidas <sup>102</sup>.

Jesus compartilhava a mesma esperança dos textos pós-exílicos, mas não estava pensando numa restauração étnica ou política, e sim numa presença curadora de Deus em seu povo, a começar pelos enfermos, pelos excluídos e pelos pecadores [...]. A restauração estava começando assim de maneira quase insignificante, mas real. Que ninguém pensasse no triunfo político de Israel e na destruição dos pagãos. Jesus buscava a restauração de Israel fazendo-o experimentar em seu próprio seio a misericórdia de Deus. Assim o Reino de Deus irá penetrando no meio dos povos <sup>103</sup>.

#### **4. A Radicalidade do Seguimento ao Profeta de Deus**

O chamado de Jesus é radical (Mt 8, 18-22). Aqueles que se decidem segui-lo devem abandonar tudo o que possuem e arriscar-se à providência divina. Jesus os convida a deixar a casa onde vivem, a família e seus bens (Lc 9, 57-59). Não era uma decisão fácil. Abandonar a

---

<sup>101</sup> Idem: p. 329-332.

<sup>102</sup> MEIER. Op. cit. p. 162-166.

<sup>103</sup> Idem: p. 334.

casa e sua terra significava renunciar à sua família, não proteger sua honra, não trabalhar para os seus nem contribuir para a manutenção do único patrimônio de que dispunham para a subsistência. Era um gesto de ingratidão, uma vergonha para toda a família. Essa atitude provocava graves conflitos entre pais e filhos, minavam a autoridade do pai, trazia desunião, desestabilizava todos os membros, separava irmãos. Isso era inaceitável para os padrões patriarcais vigentes na época. Jesus não vê as coisas assim <sup>104</sup>.

Para ele a família não ocupa o primeiro lugar; não está acima de tudo. Há algo mais importante: pôr-se a serviço do Reino de Deus, que já está irrompendo. As fontes (Lc 14, 26) conservaram um dito desconcertante de Jesus: “Quem não odiar seu pai e sua mãe, seu filho e sua filha, não pode ser meu discípulo”. Jesus exige de seus discípulos fidelidade à sua pessoa acima da fidelidade às suas próprias famílias <sup>105</sup>.

Para Jesus o projeto de Deus está em primeiro lugar. Não é possível continuar cuidando dessa família patriarcal autoritária e excludente que se reproduz para a morte. Jesus os chama para compartilhar a sua radical disponibilidade ao serviço dos mais fracos e necessitados. Chama-os para que se dediquem àqueles que não têm quem os defenda. Seguir Jesus exige uma dinâmica de movimento. Para segui-lo é preciso estar unido à sua pessoa, não somente à sua causa. A centralidade do chamado é a de viver caminhando em direção ao Reino de Deus. Ao longo daqueles anos de itinerância, Jesus os acompanha e os forma. Convive com eles, come com eles, anda com eles, alegra-se com eles, sofre com eles <sup>106</sup>.

A partir dessa convivência, o chamado vai se aprofundando e o processo de conversão vai aumentando. Sua pedagogia está centrada na observação e na reflexão sobre a realidade cotidiana do povo (Lc 13,1-5); envolve-os em missão, enviando-os e, na volta, os corrige (Lc 9,1-2); ajuda-os a discernir (Lc 9,46-48); ensina-os a rezar na intimidade do Pai (Lc 11,1-13). A convivência com Jesus faz nascer nos discípulos a liberdade para interpretar as Leis em favor das necessidades (Lc 61-5) <sup>107</sup>. No movimento de Jesus desaparece toda autoridade patriarcal e surge a proximidade salvadora de Deus, o Pai que está sempre próximo dos necessitados.

Nessa experiência de vida comunitária junto de Jesus, está presente o embrião do Reino de Deus. Jesus lhes mostra como viver a nova realidade do Reino: Todos deveriam viver fraternalmente, como irmãos; não deveria mais existir diferenças entre homens e mulheres, todos eram iguais para Deus; a posse de bens deveria ser partilhada; todos deveriam viver em comunhão, partilhando suas experiências; o poder deveria ser exercido pelo serviço; é na comunidade

---

<sup>104</sup> Ibidem: p. 336.

<sup>105</sup> Ibidem: p. 338.

<sup>106</sup> Ibidem: p.339-341.

<sup>107</sup> QUEIROZ, Dom Antônio Celso. **Seguir Jesus: os Evangelhos**. São Paulo: Loyola, 1994, p. 30-31.

que se manifestará a reconciliação entre os irmãos e o perdão de Deus; as orações deveriam ser rezadas em comunidades; a alegria deveria ser a marca dos crentes <sup>108</sup>.

A comunidade cristã primitiva captou esse novo modo de viver. “Jesus faz questão de mostrar aos seus discípulos que o seguimento é, acima de tudo, uma relação profunda e pessoal com ele e implica uma corajosa ruptura com o passado e o misterioso começo de uma existência radicalmente nova” <sup>109</sup>. O seguimento de Jesus compromete o discípulo e o leva a viver a radicalidade do chamado no cotidiano da vida. Para Jesus, aquele pequeno grupo está chamado a ser símbolo do Reino de Deus e de seu poder transformador <sup>110</sup>.

### **Jesus revela Deus, amigo da vida**

Durante algum tempo Jesus, acompanhado de seus discípulos, percorre as cercanias do Mar da Galileia apresentando a todos o Reino de Deus: “para entrar no Reino de Deus é importante que todos sintam como sua a preocupação de Deus pelos perdidos e sua alegria ao recuperá-los”<sup>111</sup>. Jesus, cheio do Espírito de Deus, vai curando enfermos, expulsando demônios e libertando as pessoas do mal, da indignidade e da exclusão.

Jesus não tem nenhuma dúvida: o que preocupa a Deus é o sofrimento dos mais desgraçados; o Deus que quer reinar entre os homens e mulheres é um *Deus que cura* (Ex 15,26). As fontes cristãs o afirmam unanimemente: “Percorria toda a Galileia[...] proclamando a boa notícia do reino e curando toda enfermidade e doença entre o povo” (Mt 4,23; Mc 1,39; Lc 6,18) <sup>112</sup>.

Trabalhando o coração dos enfermos, Jesus vai ajudando-os a acolher Deus no interior de suas experiências dolorosas, libertando-os das dores e das possessões causadas pelas enfermidades físicas e psíquicas.

Jesus não se limitou a aliviar o sofrimento dos enfermos e endemoninhados, mas deu à sua atividade curadora uma interpretação transcendente: vê em tudo isso sinais de um mundo novo. Diante do pessimismo catastrófico que impera nos setores apocalípticos, para os quais tudo está infestado pelo mal, Jesus anuncia algo sem precedentes: Deus está aqui e reina no meio dos homens <sup>113</sup>.

Jesus sonhava com um “ser humano novo”, um ser empenhado em transformar a vida e torná-la melhor; um ser chamado a desfrutar a vida eterna aqui e agora. Jesus é um apaixonado pela vida. Sua palavra e sua atuação estão inspiradas por um só desejo: *Eu vim para que todos*

---

<sup>108</sup> Idem: p. 32.

<sup>109</sup> CASTILHO, José M. **Jesus**: a humanização de Deus. Petrópolis: Vozes, 2015, p.301.

<sup>110</sup> PAGOLA. Op. cit. p. 338.

<sup>111</sup> Idem: p. 179.

<sup>112</sup> Ibidem: p. 191.

<sup>113</sup> Ibidem p. 212.

*tenham vida* (Jo 10,10). É este seu objetivo: renovar a vida, transformá-la, torná-la mais digna e feliz para todos <sup>114</sup>.

### **A Profissão de Fé de Pedro**

“Certo dia, ele orava em particular, cercado dos discípulos, aos quais perguntou: “*Quem sou eu, no dizer das multidões?*” Eles responderam: João Batista; outros, Elias; outros, porém, um dos antigos profetas que ressuscitou. Ele replicou: “*E vós quem dizeis que eu sou?*” Pedro então respondeu: “O Cristo de Deus”. Ele, porém, proibiu-lhes severamente de anunciar isso a alguém” (Lc 9,18-21).

Segundo Rius-Camps, depois dessa perícopes narrada por Lucas logo após ter ocorrido o sinal messiânico por excelência (partilha dos pães e peixes), Jesus se retira para orar sozinho. Sabe que está em jogo sua missão. Abandonado pelo povo, rejeitado e perseguido pelo poder religioso, Jesus afasta-se do contato direto com as multidões e concentra-se na formação do pequeno grupo dos discípulos que lhe permaneceram fiéis. Nesse momento decisivo de sua vida, Jesus toma a iniciativa e pergunta-lhes: “Quem sou eu no dizer das multidões?” (Lc 9,18). Os discípulos responderam: A maioria o tem por uma reencarnação de João Batista. Outros por Elias, que deveria de preceder à vinda do Messias e agir com procedimentos muito diligentes. Outros acreditam que é um dos antigos profetas que ressuscitou. Pelas respostas dadas, Jesus intui que eles não concordavam com a opinião da multidão e os questionam: “E vós quem dizeis que eu sou?” (Lc 9,19b) <sup>115</sup>.

As primeiras gerações cristãs conservaram a lembrança deste episódio como um relato de importância vital para os seguidores de Jesus. Sabiam que a Igreja de Jesus deveria ouvir sempre de novo a pergunta que Jesus fez um dia a seus discípulos: E vós quem dizeis que eu sou? <sup>116</sup>.

Pedro, em nome dos Doze, respondeu-lhe: “O Cristo de Deus” (Lc 9,20b), “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo” (Mt 16,16), “Tu és o Cristo” (Mc 8,29b). “Chama a atenção que as respostas de Pedro, narradas nos três Evangelhos, mencionem a palavra ‘Cristo’, referência ao Deus de Israel, aquele que, através dos profetas, deu indicações sobre a vinda e as obras do Messias” <sup>117</sup>.

<sup>114</sup> PAGOLA, José Antonio. **O Caminho aberto por Jesus: Lucas**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 145.

<sup>115</sup> RIUS-CAMPS. Op. Cit. p.157.

<sup>116</sup> PAGOLA. Op. Cit. 147.

<sup>117</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento**: Interpretado versículo por versículo, v.1, Mateus e Marcos, São Paulo: Editora Hagnos, 2002, p. 444. Embora a palavra Cristo, seja realmente um adjetivo com o sentido de *ungido*, tornou-se nome próprio designativo do “Messias” prometido. “Messias” é o equivalente hebraico do termo grego “christos”. A unção com óleo era cerimônia usada para os reis, sacerdotes e profetas, pois simbolizava sua confirmação nos seus respectivos ofícios. Quando aplicada ao Messias prometido, a ideia básica é a do ofício real — o real Filho de Davi — embora as outras ideias não possam ser esquecidas quando falamos em “o Cristo”. A atitude geral da expectativa messiânica desenvolveu-se de modo a esperar esse “Messias” no fim

O contexto mostra que Pedro, e os demais, perceberam sem reservas a missão messiânica de Jesus. Não concordavam com as opiniões da multidão. Para eles Jesus é o *Cristo*, o Messias profetizado no A.T., o personagem longamente aguardado por Israel. Jesus é a própria esperança de Israel e, nesse sentido, o único filho de Deus. Os discípulos, há algum tempo seguindo Jesus, haviam percebido nele algumas características que indicavam o cumprimento das profecias. Contudo somente a revelação divina poderia suscitar a resposta de Pedro. “A resposta certa à pergunta sobre a identidade de Jesus só é possível dá-la na fé, no acolhimento da revelação de Deus. O mistério da pessoa e da missão de Jesus só podem ser conhecidos por aqueles a quem o Pai quiser revelar”<sup>118</sup>. Jesus, porém, impõe-lhes silêncio, até que possa, oportunamente, instruí-los no verdadeiro significado de sua messianidade.

### **Jesus anuncia aos discípulos a “necessidade” da Paixão**

Ato contínuo, Jesus faz o primeiro anúncio de sua paixão, usando o título “Filho do Homem”<sup>119</sup>, que ele preferia e que, nesse contexto, remete ao Messias. “*É necessário que o Filho do Homem sofra muito, seja rejeitado pelos anciãos, chefes dos sacerdotes e escribas, seja morto e ressuscite ao terceiro dia*” (Lc 9,22-27).

---

dos tempos, a saber, aquele período que precederia o governo e o reino messiânicos, quando seria devolvida a glória de Israel como nação. As profecias sobre o Servo Sofredor não foram compreendidas pelos judeus. A apresentação do Filho do homem como personagem profética era outro elemento do caráter do Messias, embora o Messias (rei), o Servo Sofredor e o Filho do homem nem sempre fossem contemplados pelos judeus como o mesmo personagem; de fato, alguns judeus esperavam a vinda de dois ou três indivíduos que cumpririam essas profecias. A evidência encontrada na literatura dos essênios é que eles aguardavam três personagens que cumpririam as profecias messiânicas. Jesus, todavia, reuniu em sua pessoa todas as três ideias, sendo assim o cumprimento pessoal e completo das profecias relacionadas a todos esses títulos.

<sup>118</sup> BARREIRO. Op. Cit. p.167.

<sup>119</sup> CHAMPLIN. Op. cit. p. 343. O termo Filho do Homem, vem de uma expressão hebraica e indica, principalmente, uma posição de humildade, isto é, a posição de um homem comum, sem privilégios especiais. Essa expressão é usada por cerca de oitenta vezes com respeito a Jesus, a maioria das quais por ele mesmo. É empregada da seguinte maneira: (1) Jesus era um ser humano, um homem comum, um homem típico, um homem identificado com outros homens, compartilhando de sua posição, natureza e sofrimento, (2) *Mas* com esse termo Jesus se vincula ao personagem profetizado em Dn 7,13,14: “*Eu continuava contemplando, nas minhas visões noturnas, quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um ser como o Filho do Homem. Ele adiantou-se até ao Ancião e foi introduzido à sua presença. A ele foi outorgado o poder, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o servirão. Seu império é eterno que jamais passará, e seu reino jamais será destruído.* Por esse título o ministério sem igual e poderoso de Jesus é usualmente indicado, bem como a sua estatura metafísica especial. A missão ou ministério indicado inclui a sua futura, segunda vinda, quando Jesus aparecerá como juiz universal, conforme Jo 5,22-27: *Porque o Pai a ninguém julga, mas confiou ao Filho todo julgamento, a fim de que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou. Em verdade, em verdade, vos digo: quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não vem a julgamento, mas passou da morte à vida. Em verdade, em verdade, vos digo: vem a hora — e é agora — em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que o ouvirem, viverão. Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo e lhe deu o poder de exercer o julgamento, porque é Filho do Homem.* (3) A ideia do Filho do homem «sofredor» foi um resultado natural da necessidade da missão terrena de Jesus. Jesus, na qualidade de Filho do Homem, deve sofrer como homem representativo. Jesus veio a encarar essa parte de sua missão como inevitável, e, de fato, esse foi seu serviço supremo em favor dos homens. *O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos* (Mc 10,45). (4) É um título messiânico.



Aqui Jesus começa a esclarecer a seus discípulos que sua missão não era desse mundo. Pressente o abandono, o sofrimento e a rejeição dos homens. Sabe que ao denunciar as injustiças políticas, sociais, econômicas e religiosas vigentes na sociedade da época e propor um novo modo de viver, baseado na partilha igualitária dos bens, será perseguido pelos poderosos e sofrerá muito, “sabe que todos os poderosos da terra, sem exceção, se porão de acordo: será executado como um malfeitor. Não bastará eliminá-lo. Será preciso apagar sua imagem”<sup>120</sup>.

Mas a frustração não será definitiva. *No terceiro dia será ressuscitado*. A ressurreição do Homem marcará o princípio da verdadeira libertação. “A ressurreição dos mortos emerge em um contexto de perseguição e martírio como um modo de participar da vitória de Deus sobre os tiranos imperiais e a morte. A ressurreição de Jesus significará uma ressurreição do crente”<sup>121</sup>.

Logo depois Jesus, dirigindo-se a todos os discípulos, impõe-lhes as condições para o seu seguimento dizendo-lhes: “*Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia e siga-me...*” (Lc 9, 23-27). Doravante Jesus será mais exigente. O seguimento de Jesus não é imposto a ninguém, é exercido livremente. Mas ao decidir-se por ele, o discípulo deverá trilhar suas pegadas, renunciando à sua segurança pessoal, à sua individualidade, ao seu conforto. O seguimento a Jesus exige, do discípulo, uma disponibilidade radical acolhida livremente, na obediência de fé e por amor. O centro de sua vida está, doravante, na vontade de Deus, manifestada para ele na pessoa e na missão de Jesus Cristo<sup>122</sup>. Jesus termina este relato com uma advertência à audiência: “Todos deverão estar prontos para seu retorno iminente. O Reino de Deus está próximo”<sup>123</sup>.

---

<sup>120</sup> RIUS-CAMPS. Op. Cit. p. 159.

<sup>121</sup> CARTER. Op. Cit. p. 432.

<sup>122</sup> BARREIRO. Op. Cit. p. 181-183.

<sup>123</sup> CARTER. Op. Cit. p. 437.

## CAPÍTULO III

### A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS REVELA A IDENTIDADE DE DEUS

O evangelista Lucas relata o evento da transfiguração de Jesus a partir de uma informação temporal: “Mais ou menos oito dias depois dessas palavras, tomando consigo a Pedro, João e Tiago, ele subiu à montanha para orar” (Lc 9,28). A intenção de Lucas é entrelaçar ambos os acontecimentos, não somente para mostrar que Pedro desempenha um papel relevante nos dois eventos, mas, principalmente, revelar a identidade divina de Jesus, do Filho de Deus. “Jesus apresenta aos discípulos as duas faces do mistério da salvação que se realiza nele: a face tenebrosa — o sofrimento e a morte — e a face gloriosa — a ressurreição e a glória”<sup>124</sup>.

Central à cena é a declaração de Deus que Jesus é o Filho de Deus (Lc 9,35), repetindo 3,22. As palavras de Deus confirmam a confissão dos discípulos da identidade de Jesus em Lc 9,20 [...]. A palavra de Deus também confirma o que ocasiona ser “Filho de Deus”. A audiência sabe a partir do ensino de Jesus em Lc 9,22-26 que como Filho de Deus Jesus sofrerá e será justificado [...]. A aprovação de Deus para o ensino de Jesus é apresentada em uma cena típica de revelação. Habitualmente, Deus revela a si mesmo e sua vontade em uma montanha (Ex 24,12-18, Sinai; 1Rs 18,20, Carmelo; 1Rs 19,11-18, Horeb/Sinai). As nuvens denotam a presença (oculta) de Deus. A acompanham revelações (Lc 9,34). A voz divina fala (Ex 24,16; 1Rs 19; Dn 8,16) [...]. Significativamente o anúncio não é feito à elite política e religiosa [...]. É feito em um lugar remoto, longe dos centros, reservadamente para um grupo pequeno de discípulos<sup>125</sup>.

A divindade de Jesus, sua glória, está relacionada com a cruz, com a sua paixão. “O evangelista João traduziu em palavras este íntimo entrelaçamento da cruz e da glória ao dizer que a cruz é a “elevação” de Jesus, e que a sua elevação não se realiza de outro modo senão na cruz”<sup>126</sup>. A crucificação é cruz gloriosa do Filho do Homem, pois é seu retorno para o lugar de onde veio (Jo 6,62). A cruz e a exaltação não são objeto da busca de Jesus. Estas são consequência de sua fidelidade ao Pai e à missão dele recebida. “Quando tiverdes elevado o Filho do Homem, então saberei que Eu sou e que nada faço por mim mesmo, mas falo como me ensinou o Pai. E quem me enviou está comigo. Não me deixou sozinho, porque faço sempre o que lhe agrada” (Jo 8, 28- 29).

A narrativa de Lucas vê na transfiguração de Jesus uma antecipação da ascensão e da exaltação do Cristo na glória celeste. Lucas, em seus escritos, percebeu nesse episódio, a manifestação do verdadeiro ser de Cristo, ser que permanece

<sup>124</sup> BARREIRO. Op. cit. p.188.

<sup>125</sup> CARTER, Warren. **O Evangelho de São Mateus: Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens.** São Paulo: Paulus, 2002, p. 439.

<sup>126</sup> BENTO XVI. Op. cit. p. 261.

oculto, em virtude da própria condição de servo. O traço comum entre os evangelistas é que a revelação da glória do Cristo se realiza na sua humilhação. Para desvelar o sentido dessa humilhação, Jesus antecipa a glória a que é por ela conduzido. O título de Servo é, portanto, a chave que dá a significação dos mistérios da vida do Cristo. O episódio da transfiguração é, entre outras, uma prova disso <sup>127</sup>.

A superação do escândalo da “necessidade” da Paixão se dará, somente, depois da Páscoa do Senhor Jesus, depois que os discípulos verem Jesus na sua glória de ressuscitado. É a partir de sua experiência da ressurreição de Jesus, que seus seguidores começam a fazer a releitura de sua vida, vivida a partir e em função do reinado de Deus.

### 1. A Transfiguração de Jesus <sup>128</sup>

As narrativas dos três evangelhos sinóticos relatam, com pequenas variações, o evento da transfiguração de Jesus como revelação da identidade de Deus. Existe consenso entre os estudiosos que a ideia dos evangelistas sobre a transfiguração é a de que a mesma representou uma confirmação divina do caráter messiânico de Jesus. “Este relato foi recolhido na tradição cristã por dois motivos: ajudava os cristãos a recordar o mistério encerrado por Jesus e os convidava a escutar somente a Ele” <sup>129</sup>.

O relato da Transfiguração, nos três evangelhos (Mc 9,2-8; Mt 17,1-8 e Lc 9,28-36), aparece localizado no meio do ministério de Jesus: depois da Profissão de Fé de Pedro e entre os anúncios da Paixão. Uma menção à transfiguração também aparece em 2Pe 1,16-18. O evento da transfiguração tem sido amplamente aceito como uma experiência histórica, que realmente aconteceu durante o ministério terreno de Jesus. O principal argumento a favor dessa posição está baseado no princípio de concordância: o relato está presente nos três evangelhos sinóticos, como um evento na vida de Jesus.

O acontecimento narrado ultrapassa a experiência comum, porquanto não envolveu somente a Jesus, mas também a Pedro, a Tiago e a João, os quais, diferentemente de Jesus, não estavam sujeitos a essas experiências. Foi uma experiência de origem divina, uma revelação dada aos apóstolos, sobre a glória do reino futuro que terá Jesus como seu rei. O Senhor Jesus foi visto em sua glória, o homem exaltado, mas também participante na natureza divina. O relato de 2Pe 1,16-18, ilustra o fato de que esse acontecimento insuflou grande

<sup>127</sup> DUQUOC. Op. Cit. p. 84.

<sup>128</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: O dicionário da língua portuguesa. 8. Ed. Curitiba, PR: Editora Positivo, 2010. p. 750. A palavra *transfiguração* significa: Ação ou efeito de transfigurar ou transfigurar-se; metamorfose ou transformação. Ação de alterar radicalmente o aspecto, a forma etc. Alteração na maneira de pensar, de agir, de sentir etc. Classe gramatical: substantivo feminino.

<sup>129</sup> PAGOLA. Op. cit. p. 155.

segurança e confiança, e, realmente, a lembrança da realidade desta experiência fortaleceu e conferiu maior autoridade à mensagem cristã <sup>130</sup>.

### **A narrativa da transfiguração (Lc 9,28-36)**

<sup>28</sup> Mais ou menos oito dias depois dessas palavras tomando consigo Pedro, João e Tiago, ele subiu à montanha para orar.

<sup>29</sup> Enquanto orava, o aspecto de seu rosto se alterou, suas vestes tornaram-se de fulgurante brancura.

<sup>30</sup> E eis que dois homens conversavam com ele: eram Moisés e Elias que,

<sup>31</sup> aparecendo envoltos em glória, falavam de seu êxodo que se consumaria em Jerusalém.

<sup>32</sup> Pedro e os companheiros estavam pesados de sono. Ao despertarem, viram sua glória e os dois homens que estavam com ele.

<sup>33</sup> E quando estes iam se afastando, Pedro disse a Jesus: "Mestre, é bom estarmos aqui; façamos, pois, três tendas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias", mas sem saber o que dizia.

<sup>34</sup> Ainda falava, quando uma nuvem desceu e os cobriu com sua sombra; e ao entrarem eles na nuvem, os discípulos se atemorizaram.

<sup>35</sup> Da nuvem, porém, veio uma voz dizendo: "Este é o meu Filho, o Eleito; ouvi-o".

<sup>36</sup> Ao ressoar essa voz Jesus ficou sozinho. Os discípulos mantiveram silêncio e, naqueles dias, a ninguém contaram coisa alguma do que tinham visto.

#### **• 9,28**

*Mais ou menos oito dias depois.* Essa indicação de tempo demonstra que estamos ante um acontecimento histórico e não ante uma alegoria ou mito <sup>131</sup>. "Lucas faz referência ao dia depois da criação visível, o "oitavo", ou seja, o mundo definitivo, a terra prometida inaugurada com a ressurreição de Jesus, que ocorreu no "primeiro dia da semana" (Lc 24,1) <sup>132</sup>. Mateus (17,1) e Marcos (9,2) falam de "6 dias", uma alusão ao sexto dia da criação. Jesus transfigurado é a realização plena do projeto de Deus sobre o homem, o coroamento de toda obra da criação <sup>133</sup>.

<sup>130</sup> CHAMPLIN. Op. Cit. p. 452.

<sup>131</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento: Interpretado versículo por versículo**, v.2, Lucas e João. São Paulo: Editora Hagnos, 2002, p. 95.

<sup>132</sup> RIUS-CAMPS. Op. cit. 162.

<sup>133</sup> BARREIRO. Op. cit. p.188.

*Depois dessas palavras:* Para Rius-Camps é uma referência clara às condições exigidas por Jesus, para o seu seguimento, motivadas pela descoberta de sua identidade (Lc 9,23,26) <sup>134</sup>.

*Tomou consigo Jesus Pedro, João e Tiago,* três dos quatro primeiros discípulos chamados por Jesus (Lc 5,10). Rius-Camps destaca que dentre ‘os seus seguidores’, esses são os discípulos mais reticentes às suas propostas, ou seja, são os mais identificados com a instituição judaica. “Jesus os ‘toma consigo’, como líderes que são do grupo dos Doze, tendo em conta suas personalidades. Ainda alentam aspirações de poder” <sup>135</sup>.

Nota-se que esses três também foram selecionados como as únicas testemunhas da agonia de Jesus no jardim do Getsêmani (Mc 14,33), e também antes, quando da ressurreição da filha de Jairo, em Mc. 5,37. O desejo de Jesus era o de confirmar a validade da experiência de sua transfiguração por intermédio dessas três testemunhas oculares, para que não se perdesse a utilidade que a experiência deve ter tido na história de seu ministério e no estabelecimento da autoridade de sua igreja <sup>136</sup>.

*Jesus subiu à montanha para orar:* É Jesus que toma a iniciativa de subir para orar. Lucas destaca a oração. Esse é uma das características salientadas por Lucas: a oração. Sempre que necessita discernir sobre algo, Jesus se dispõe a orar (Lc 3,21; 6,12). Neste relato está presente o tema do monte como lugar do encontro com Deus.

A tradição cristã identifica a montanha da transfiguração como o monte *Tabor*, situado cerca de 16 quilômetros de Cafarnaum. Essa tradição foi originada por Cirilo, de Jerusalém, e por Jerônimo, no século IV D.C., mas a opinião moderna nega essa tradição. Alguns historiadores afirmam que esse monte, no tempo de Jesus, contava com uma fortaleza ocupada por tropas, e certamente Jesus não teria feito desse lugar um abrigo solitário e próprio para a oração. Alguns conjecturam que os «seis/oito» dias entre a narração dos últimos acontecimentos e este, foram gastos em viagem, e, assim, era impossível estarem em qualquer lugar perto do monte Tabor. Todavia, ninguém pode provar que estivessem de viagem nesses dias. Outras ideias têm sido expostas, mas a mais comum e aceitável é que o local da visão foi o monte Hermom. O monte Hermon era bem visível e proeminente nas vizinhanças de Cesaréia de Filipe (Mat. 16,13), onde Jesus e seus discípulos, provavelmente ficaram <sup>137</sup>.

Merece destaque o fato de Deus ter revelado a glória de seu Filho transfigurado na Galileia, terra dos gentios, ou em suas cercanias e não na Judeia, terra dos judeus.

<sup>134</sup> RIUS-CAMPS. Op. cit. 162.

<sup>135</sup> Idem: p. 163.

<sup>136</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento:** Interpretado versículo por versículo, v.1, Mateus e Marcos, São Paulo: Editora Hagnos, 2002, p. 452.

<sup>137</sup> Idem: p. 452.

• 9,29

*Enquanto orava, o aspecto de seu rosto se alterou, suas vestes tornaram-se de fulgurante brancura.*

«Foi *transfigurado*...». Mateus e Marcos usam a expressão «foi transfigurado»; Lucas diz «a aparência do seu rosto se transfigurou». De conformidade com Lucas, essa transfiguração ocorreu quando Jesus orava. Mateus e Lucas mencionam especialmente a transformação ocorrida na fisionomia de Jesus; Mateus diz, ilustrando, «resplandecia como o sol». Todos os três evangelistas sinópticos mencionam a transformação havida em suas vestes. Mateus diz «brancas como a luz»; Lucas, «resplandeceram de brancura»; mas Marcos fala com maior ênfase ainda, «sobremodo brancas, como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar»<sup>138</sup>.

Jesus muda de figura e se apresenta com outra forma, visivelmente com outra aparência. Sua fisionomia se alterou. Mateus acrescenta que “seu rosto resplandeceu como o sol” (Mt 17,2). No Livro do Apocalipse o Cristo ressuscitado é descrito de maneira semelhante. “Sua face era como o sol, quando brilha com todo seu esplendor” (Ap 1,16).

Na transfiguração, a luz, que simboliza a presença divina, não vem de fora nem para ‘sobre’ Jesus. Sai ‘de dentro’ dele, emana nele próprio, porque lhe pertence substancialmente. A fonte desse esplendor é a glória de Deus, que atravessando suas roupas, embebe e faz brilhar a carne de Jesus e torna-se, como no paraíso, seu vestido. A glória, que em sentido próprio pertence só a Deus, ao brilhar na carne de Jesus, revela quem ele é no seu ser profundo: “É ele o resplendor de sua glória e a expressão de sua substância” (Hb 1,3), isto é, Deus mesmo<sup>139</sup>.

Carter entende que a *luz* além de ser compreendida como uma justificação escatológica futura, também marca o ministério presente de Jesus que vêm manifestar o reinado salvífico de Deus na escuridão e morte de um mundo controlado imperialmente (Mt 4, 15-16).

A *luz* mostra que o reinado futuro de Deus já está sendo manifestado, mas, também que a conclusão gloriosa futura dos propósitos de Deus está em continuidade com a missão presente de Jesus. E, ainda, que a comunidade de discípulos de Jesus como “a luz do mundo” recebeu a tarefa de continuar a sua missão (Mt 5,14; Lc 8,16; Jo 8,12). Cristologia e eclesiologia estão entrelaçadas<sup>140</sup>.

Nos textos apocalípticos judaicos, vestes de um branco deslumbrante, são um dos sinais da glória celeste concedida aos eleitos, que se tornam semelhante aos anjos. “O vencedor se trajará com vestes brancas e eu jamais apagarei seu nome do livro da vida” (Ap 3,4). “Ao redor

<sup>138</sup> Ibidem: p. 452.

<sup>139</sup> BARREIRO. Op. cit. p.191.

<sup>140</sup> CARTER. Op. cit. p.441.

desse trono estavam dispostos vinte e quatro tronos, e neles assentavam-se vinte e quatro Anciãos, vestidos de branco e com coroas de ouro na cabeça” (Ap 4,4). Mas o caminho é aquele da cruz. Vestes brancas também podem indicar martírio. “Estes que estão trajados com vestes brancas [...] são os que vêm da grande tribulação: lavaram suas vestes e alvejaram-nas no sangue do Cordeiro” (Ap.7,13).

● **9,30-31**

*E eis que dois homens conversavam com ele: eram Moisés e Elias que, aparecendo envoltos em glória, falavam de seu êxodo que se consumaria em Jerusalém.*

Pagola destaca que no alto de uma montanha, os discípulos veem Jesus com o rosto “transfigurado”. Com ele estão dois personagens legendários da história de Israel: Moisés, o grande legislador do povo, representando a Lei e Elias, o profeta que defendeu Deus com zelo abrasador, representando os Profetas. “Ambos, Moisés e Elias, têm o rosto apagado: Só Jesus irradia luz”<sup>141</sup>.

Bento XVI observa que a Lei e os Profetas conversam com Jesus e que o evangelista Lucas é o único a destacar, na conversa entre Jesus e as testemunhas escolhidas por Deus, o seu êxodo: “*aparecendo envoltos em glória, falavam de seu êxodo*”, a sua saída, que deveria realizar-se em Jerusalém, centro da história da salvação.

O tema do seu diálogo é a cruz, mas entendida de um modo envolvente como o êxodo de Jesus, cujo lugar devia ser Jerusalém. A cruz de Jesus é êxodo: partida desta vida, passagem através do ‘mar vermelho’ da paixão e ida para a glória, na qual permanecem os sinais das chagas. Deste modo, mostra-se claramente que o tema fundamental da lei e dos profetas é a ‘esperança de Israel’, o definitivo êxodo libertador; que o conteúdo desta esperança é o Filho do homem sofredor e servo de Deus, o qual sofrendo abre as portas para a liberdade e para a novidade. Moisés e Elias são eles mesmos figuras e testemunhas da paixão. Eles falam com o Transfigurado sobre aquilo que eles disseram na terra, sobre a paixão de Jesus. Mas, à medida que falam com o Transfigurado, torna-se claro que esta paixão traz redenção; que ele foi penetrado pela glória de Deus; que a paixão será mudada em luz, em liberdade e alegria<sup>142</sup>.

Para Carter, na narrativa da transfiguração são perceptíveis ecos dos relatos de Êxodo 34, onde Moisés, que fala com Deus, recebe os Dez Mandamentos, no Monte Sinai. Representam a lei e os profetas, que Jesus interpreta e realiza. Ressalta, também, que o relato evoca esperanças judaicas e cristãs acerca do futuro, sobretudo no que tange à transformação de um futuro corpo ressuscitado<sup>143</sup>.

<sup>141</sup> PAGOLA. Op. cit. p.156.

<sup>142</sup> BENTO XVI. Op. cit. p. 265.

<sup>143</sup> CARTER. Op. Cit. p. 441.

Champlin observa que Moisés representa, como nenhum outro, a *autoridade da lei*, e que geralmente serve de símbolo do judaísmo em geral.

Diversas tradições associavam Moisés à vinda do Messias. Jesus, em sua vida e ministério, era qual outro Moisés, posto que deu uma nova lei, organizou uma nova congregação e estabeleceu uma nova ordem de coisas. Moisés, no pensamento judaico, estava associado à glória do reino de Deus. Jesus incorporou essa glória em si mesmo, conforme ficou demonstrado nesta visão. Ele mesmo disse: “Se crêsseis em Moisés, haveríeis de crer em mim, porque foi a meu respeito que ele escreveu” (Jo 5,46) <sup>144</sup>.

No evento de sua transfiguração, Jesus recebeu de Moisés seu testemunho pessoal. Esse testemunho infundiu-lhe coragem. Também os discípulos, testemunhas oculares do caminho de Jesus, necessitavam, naquele momento, de uma mensagem de consolo e segurança.

Já Elias, para Champlin, representa *os profetas*, por ter sido uma figura fundacional do profetismo. “Jesus recebeu o testemunho direto de Elias, o que serviu de confirmação da sua missão como o Messias de Israel. O profeta Elias também era associado à esperança messiânica, e muitos esperavam a sua visita pessoal antes da manifestação do Messias. Elias talvez tenha aparecido como cumprimento parcial da profecia, ou, pelo menos, como demonstração da ligação de sua pessoa com o Messias” <sup>145</sup>.

Duquoc é de opinião que a menção de Elias teve por objetivo lembrar que o profeta, pelas suas mensagens de verdade anunciadas aos homens, historicamente eram alvo de perseguições. “Jesus não escapa à condição de profeta, e isso é uma primeira resposta ao escândalo dos discípulos. As testemunhas da transfiguração serão as mesmas presentes no Getsêmani. Foram escolhidas para assistir a glória antecipada do Servo” <sup>146</sup>.

Juntos, Moisés e Elias, ainda segundo Champlin, mostraram a *aprovação* do Pai à pessoa e à missão de Jesus. Tanto Moisés (Ex 34,5-7), quanto Elias (1Rs 19,11-13) receberam revelações extraordinárias de Deus. O aparecimento de Moisés e Elias testemunhou que suas obras se completavam em Cristo. Jesus enfrentava a hora crítica de seu ministério, e nessa hora a associação com Moisés e Elias ajudou-o a cumprir com êxito essa fase de sua missão.

Segundo Barreiro o tema da conversa é a Nova Aliança que será selada. Os dois, Moisés e Elias confirmam ao Filho que para realizar o desígnio salvífico de Deus, para abrir a todos os homens o acesso ao Pai, faz-se “necessário” subir a Jerusalém e sofrer antes de entrar na sua

---

<sup>144</sup> CHAMPLIN. Op. cit. 453.

<sup>145</sup> Idem: p. 453.

<sup>146</sup> DUQUOC. Op. Cit. 83.



glória (Lc 24,26; 24,45-46). “Numa antecipação do papel do anjo no Horto das Oliveiras, Moisés e Elias animam e confortam Jesus a percorrer o caminho da Paixão”<sup>147</sup>.

● 9,32-33

*Pedro e os companheiros estavam pesados de sono. Ao despertarem, viram sua glória e os dois homens que estavam com ele. E quando estes iam se afastando, Pedro disse a Jesus: "Mestre, é bom estarmos aqui; façamos, pois, três tendas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias", mas sem saber o que dizia.*

Champlin destaca que a narrativa contém uma observação peculiar a Lucas. “Está implícito aqui que o incidente teve lugar à noite e que, devido ao sono pesado, os três discípulos, quase não puderam acompanhar o fenômeno. Salienta que a glória foi grande demais, e despertou-os. Eles lutaram contra a ‘sonolência’, e foi-lhes dada imensa iluminação. Por certo há uma lição moral e espiritual em tudo isso (1Ts 5,2-8)”<sup>148</sup>.

Rius-Camps observa que os discípulos ‘estavam pesados de sono’, estavam desinteressados, estavam fechados em si mesmos, somente despertaram ao verem sua glória. Eles não discerniram a centralidade da missão de Cristo. Moisés e Elias apareceram para falar da iminente partida de Jesus para Jerusalém. A agenda daquela conversa era a cruz. A cruz é o centro do ministério de Cristo. Eles não estavam interessados, somente lhes interessavam a glória. Almejavam a ressurreição sem passarem pela cruz.

Barreiro destaca que Pedro, “com seu caráter ambivalente: espontâneo e decidido, generoso e prestativo, e ao mesmo tempo imediatista, ingênuo e míope”, dirige-se a Jesus sugerindo a feitura de três tendas.

Pedro pensa que o céu já desceu sobre a terra, que chegou o fim dos tempos, que Deus vem morar para sempre com seu povo (Os 12,10), e quer prolongar indefinidamente o momento de felicidade e de glória que está vivendo. As palavras de Pedro mostram igualmente que, apesar de ver os sinais da glorificação de Jesus, nivela seu papel aos dos dois representantes da Antiga Aliança, continua vendo o messianismo de Jesus na linha do poder e da glória. Não compreende o mistério da transfiguração, como não havia compreendido a “necessidade” do caminho do sofrimento e da cruz em Cesaréia, nem compreenderá o da humilhação no Getsêmani (Mc 14,40). Com razão, Lucas comenta que Pedro “não sabia o que dizia”<sup>149</sup>.

<sup>147</sup> BARREIRO. Op. Cit. p. 193.

<sup>148</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento: Interpretado versículo por versículo**, v.2, Lucas e João. São Paulo: Editora Hagnos, 2002, p. 95.

<sup>149</sup> BARREIRO. Op. Cit. p. 193.

Santo Agostinho ensina que: “Pedro ainda não tinha compreendido isso ao desejar viver com Cristo sobre a Montanha. Ele reservou-te isto, Pedro, para depois da morte. Mas agora Ele mesmo diz: Desce para sofrer na terra, para servir na terra, para ser desprezado, crucificado na terra. A Vida desce para fazer-se matar; o Pão desce para ter fome; o Caminho desce para cansar-se da caminhada; a Fonte desce para ter sede; e tu recusas sofrer?” (Sermão 78,6).

● 9,34-35

*Ainda falava, quando uma nuvem desceu e os cobriu com sua sombra; e ao entrarem eles na nuvem, os discípulos se atemorizaram. Da nuvem, porém, veio uma voz dizendo: “Este é o meu Filho, o Eleito; ouvi-o”.*

A nuvem sagrada aparece e, luminosa (Mt 17,5), cobre os discípulos com a sua sombra. Lemos em Ex 24,15-16: “Moisés subiu à montanha, a nuvem cobriu a montanha. A glória de Iahweh pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu durante seis dias”. Na tradição bíblica a *nuvem* é sinal da presença escondida de Deus, “do *Deus Absconditus* (Is 45,15), do Deus que se revela velando-se”<sup>150</sup>.

A nuvem que havia descido outrora sobre o monte Sinai (Ex 24,15s.), sobre a Tenda da Reunião (Ex 40,34-35) e sobre o Templo de Salomão (1Rs 8,10) volta a descer agora, no fim dos tempos, sobre Jesus ‘no monte santo’ (2Pe 1,18), envolvendo-o e fazendo-o resplandecer com a glória de Deus [...]. A nuvem envolve também os discípulos. Doravante eles fazem parte da comunidade de Jesus, são associados ao seu destino, ao seu sofrimento e a sua glória<sup>151</sup>.

Bento XVI destaca que a nuvem sagrada, a *shekhinah*, é o sinal da presença do próprio Deus. “A nuvem sobre a tenda da revelação mostrava a presença de Deus. Jesus é a tenda sagrada, sobre a qual está a nuvem da presença de Deus e a partir daí cobre os outros com a sua sombra”<sup>152</sup>.

Os judeus intitulavam essa manifestação de *shechinah*, ou glória, que no Talmude significa *praesentia Dei*, a presença de Deus. A palavra se deriva da raiz que significa «habitar». Deus deu ao povo de Israel uma nuvem para dirigi-lo no deserto, símbolo da presença de Deus que guia (ver Êx. 13,21). Também lemos que, às vezes, essa manifestação enchia a «casa do Senhor» (1 Reis 8,10). Posteriormente, essa manifestação passou a ser geralmente reputada uma prova da presença de Deus, e a própria palavra *shechinah* passou a ser usada para indicar a presença de Deus. Em Is. 4,5 temos a indicação de que a presença da glória de Deus separa o mal do bem. A glória da presença de Deus serviu de símbolo do resplendor da Nova Jerusalém (Apo. 21,23). Por meio dessas

<sup>150</sup> CANTALAMESSA, Raniero. “**Isto é o Meu Corpo**”: À luz de dois hinos eucarísticos, São Paulo: Loyola, 2008, p. 19.

<sup>151</sup> BARREIRO. Op. Cit. p. 194.

<sup>152</sup> BENTO XVI. Op. Cit. 269.

observações podemos ver a magnitude do «sinal» dos céus que foi concedido aos apóstolos, e, nessas circunstâncias, até ao próprio Jesus <sup>153</sup>.

Os discípulos apavorados se prostram, com o rosto no chão (Mt 17,6). A contemplação da experiência luminosa se mistura com o temor sagrado que o encontro com o divino provoca. Rudolf Otto, em sua obra “O Sagrado – Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional”, afirma que: “o sagrado é um *Mysterium* (mistério) que se apresenta em dois aspectos qualitativos: o *tremendum et fascinans* (o terrível e o fascinante)”. O *tremendum* — é o que nos faz tremer, que causa calafrios, que nos traz a sensação de risco, que nos mostra nossa impotência e finitude — e o *fascinans* — é o que nos impacta, nos dá a sensação de pureza, de santidade, de reverência e veneração. Os discípulos estão vivendo um momento extraordinário da manifestação divina.

É chegado o momento culminante dessa narrativa, a declaração de Deus: “*Este é o meu Filho, o Eleito; ouvi-o*”. Esta advertência salienta a importância daquilo que Jesus tem proclamado sobre sua missão e a natureza do discipulado. As palavras do Pai ecoam Is 42,1: “Eis o meu servo que eu sustento, o meu eleito, em quem tenho prazer. Pus sobre ele o meu espírito, ele trará o direito às nações”.

A voz que vem do céu declarando a filiação divina de Jesus também transmitiu a mesma mensagem já notada em Lc 3,22 quando do batismo de Jesus. Aqui também temos a confirmação da aprovação divina à missão messiânica de Jesus e à sua pessoa.

Nessa altura de seu ministério, Jesus precisava dessa confirmação, porquanto enfrentava dura oposição da parte das autoridades religiosas, a possibilidade de morrer às suas mãos, e o fracasso no estabelecimento do reino literal à face da terra. Mas — a aprovação divina — veio demonstrar que, a despeito desses fatos que indicavam um aparente fracasso na missão “messiânica” de Jesus, a sua vida e sua verdadeira missão messiânica, segundo deveriam ser entendidas em conexão com seu primeiro advento, não tinham falhado em seus propósitos. Tudo estava correndo de acordo com o plano de Deus. O homem comum não teria percebido isso, nas circunstâncias do momento. Por isso os discípulos também precisavam dessa confirmação; e o valor da visão não se perdeu, porque mais tarde lembraram-se desse acontecimento e das lições daí derivadas, e então puderam compreender o quadro inteiro. O cristianismo começou, portanto, com base em uma fé firme. De certa maneira o cristianismo foi uma extensão do judaísmo; porém, dotado de mensagem própria, de escopo universal, em que Cristo ocupa o centro <sup>154</sup>.

---

<sup>153</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento: Interpretado versículo por versículo**, v.1, Mateus e Marcos, São Paulo: Editora Hagnos, 2002, p. 454.

<sup>154</sup> Idem: p.454.

Para Carter, Deus ordena que os discípulos *ouçam* o que Jesus já ensinara e ainda ensinará. Salienta que nos Evangelhos estão presentes diferentes tipos de audição; certa audição prévia precisa ser revisada pelo ensino de Jesus (Mt 5,21;27;33;38;43), outra envolve ouvir a palavra de Jesus e realizá-la. Audição que conduz à ação tem consequências escatológicas severas (Lc 6,47-49). Mas ouvir e entender não são automáticos. Nos Evangelhos, *ouvir* é entender e viver e viver tomando a própria cruz (Lc 9,23-25). *Ouvir* é uma qualidade central do discipulado <sup>155</sup>.

Esse imperativo, *ouvi-o*, subentende a singularidade do cristianismo. Por intermédio de Jesus, o Cristo, a mensagem de Deus veio à terra. Os homens, se quiserem aprender alguma coisa sobre a vontade de Deus para com os homens, são forçados a dar atenção à personalidade de Jesus. A aprovação de Deus habita nele. Sua pessoa constitui a mensagem distinta de Deus. Os discípulos alimentavam algumas ideias equivocadas sobre o caráter do ministério de Jesus. Pensavam que ainda obteriam altas posições no reino literal. Não tinham visão clara sobre a missão de Cristo. Era necessário, portanto, que prestassem mais atenção a ele. Os discípulos, ou pelo menos Pedro, quiseram *deter* a Moisés e Elias; mas a grande mensagem de Deus é “ouvi o Cristo”. Temos aqui o cumprimento da profecia de Dt 18,15: “Iahweh teu Deus suscitará um profeta como eu no meio de ti, dentre os teus irmãos, e vós o ouvireis” <sup>156</sup>.

A voz do Pai garante que Jesus é o Filho de Deus, que “o seu destino de Servo Sofredor está garantido por Deus. O poder que só Deus pode dar, somente se alcança pelo caminho do serviço e da humilhação do Servo” <sup>157</sup>.

Já para Pagola a voz de Deus vai corrigir Pedro e os outros discípulos, revelando a verdadeira identidade de Jesus: “Este é o meu Filho, o eleito”, aquele que tem o rosto transfigurado. Não deve ser confundido com os de Moisés ou Elias, que estão apagados. “Escutai-o”. E a ninguém mais. Sua Palavra é a única decisiva. As outras nos devem levar até Ele <sup>158</sup>.

### ● 9,36

*Ao ressoar essa voz Jesus ficou sozinho. Os discípulos mantiveram silêncio e, naqueles dias, a ninguém contaram coisa alguma do que tinham visto.*

Segundo Champlin, Lucas reduziu drasticamente sua fonte informativa neste ponto. Deixou de fora a ordem de Jesus para “nada contarem sobre a ocorrência até depois da ressurreição, e meramente confirma que, de fato, nada disseram a respeito até então. E também

<sup>155</sup> CARTER. Op. Cit. p.442.

<sup>156</sup> CHAMPLIN. Op. cit. p. 454.

<sup>157</sup> BARREIRO. Op. cit. p. 196.

<sup>158</sup> PAGOLA. Op. cit. p. 157.

eliminou a indagação sobre a ressurreição e a disputa sobre a volta de Elias para restaurar a tudo” (Mt 17,9-13), discussões essas que naturalmente teriam sido provocadas pela experiência da transfiguração, o que tomamos como acompanhamentos históricos genuínos. O ministério de Moisés e Elias terminou naquele momento. Somente Jesus ficou para continuar a obra do Pai. “Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais, pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos. É ele o resplendor de sua glória e a expressão de sua substância” (Hb 1,1-3a) <sup>159</sup>.

Rius-Camps argumenta que *Jesus ficou sozinho* porque ao desaparecer a visão, voltou-se ao presente. Jesus está “só”. Nenhum dos discípulos identificados com a instituição judaica, pode compreendê-lo. Jesus aceitou esse caminho estreito proposto pelo Pai. Ele está só porque optou pelo caminho do não-poder <sup>160</sup>.

Barreiro prefere ressaltar outro aspecto da narrativa. *Jesus ficou sozinho* porque Moisés e Elias haviam desaparecido com a nuvem luminosa. Os discípulos, provavelmente, encontram-se atordoados, sob os efeitos do impacto causado pela experiência. Mas, também, se sentem seguros diante do Jesus que conheciam antes da transfiguração.

Os discípulos não têm motivos para temer, pois Jesus continua ao seu lado, agora despojado de sua glória, mas próximo e familiar. O Jesus que permanece com os seus até o fim da história e por toda a eternidade *é o mesmo Jesus* de antes da transfiguração e de antes da ressurreição, é o Jesus terrestre, que assumiu a forma de servo, que sofreu a Paixão e que foi crucificado. Jesus permanecerá por toda a eternidade como aquele que foi com-figurado, marcado, no seu coração e na sua carne, pelas experiências da sua vida terrestre, por nossas alegrias e por nossas tristezas, pela ternura e solidão, pela solidariedade e pela rejeição. A carne, a humanidade, a existência humana de Jesus, foram transfiguradas, glorificadas para sempre. A transfiguração é uma mostra antecipada e fugaz da glorificação futura e eterna da carne de Jesus. E, ao mesmo tempo, é o penhor da futura glorificação, também eterna, da nossa carne<sup>161</sup>.

*Os discípulos mantiveram silêncio e, naqueles dias, a ninguém contaram coisa alguma do que tinham visto.* Os discípulos ainda não compreendem completamente o que Jesus está fazendo. Haverá mais ensinamentos reservados para que eles entendam a crucificação e a ressurreição antes de fazerem uma proclamação precisa <sup>162</sup>.

<sup>159</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento: Interpretado versículo por versículo**, v.2, Lucas e João. São Paulo: Editora Hagnos, 2002, p. 96.

<sup>160</sup> RIUS-CAMPS. Op. cit. p. 167.

<sup>161</sup> BARREIRO. Op. cit. p. 200.

<sup>162</sup> CARTER. Op. cit. p. 427 e 443.

## 2. O Seguimento a Jesus, da Galileia a Jerusalém (Lc 9,51-19,27)

No dia seguinte, depois de descerem da montanha, Jesus compreende que seu tempo chegou. Toma a decisão, irrevogável, de subir a Jerusalém — volta o rosto contra Jerusalém. “Quando se completaram os dias de sua assunção, ele tomou resolutamente o caminho de Jerusalém e enviou mensageiros à sua frente... a fim de preparar-lhe tudo” (v. 51).

A frase contém uma referência a uma atitude narrada em (Ez 21,7): “Filho do homem, volta a tua face contra Jerusalém, profere a tua palavra na direção do santuário e profetiza contra a terra de Israel”. Jesus, como em outro tempo Ezequiel, toma a decisão irrevogável de enfrentar a instituição judaica <sup>163</sup>.

O caminho escolhido por Jesus, descrito por Lucas, depois de sair da Galileia rumo a Jerusalém, passava pela Samaria <sup>164</sup>. Esta narrativa só se encontra no Evangelho de Lucas, provavelmente se deriva da fonte informativa «L» <sup>165</sup>. A Samaria, para o judeu era terra de estrangeiros, lugar de impuros, politeístas, pecadores. Lucas, em suas narrativas, coloca os samaritanos como os primeiros a serem resgatados. São as ovelhas mais próximas de Israel.

Era o mês de nisã. As chuvas do inverno haviam cessado. A primavera começava a despertar nas colinas da Galileia e já despontavam os brotos das figueiras. O clima era agradável. As pessoas se preparavam para subir em peregrinação a Jerusalém a fim de celebrar a grande festa da Páscoa. Da Galileia eram necessários três a quatro dias de caminhada. Jesus estava acompanhado de seus discípulos. É a ocasião ideal. A cidade santa era o centro do povo escolhido. Milhares de peregrinos vindos da Palestina e de todos os rincões do Império reunir-se-ão para reavivar durante as festas da Páscoa seu anseio de liberdade <sup>166</sup>.

Para Rius-Camps, o objetivo de Jesus era enfrentar a instituição judaica e consequentemente denunciar o sistema teocrático judaico em seu centro nevrálgico, o templo (Lc 19,45-46). A transfiguração de Jesus foi a resposta de Deus ao escândalo causado nos discípulos pelo primeiro anúncio da Paixão (Lc 9,22). Jesus compreende ser necessário corrigir a mentalidade nacionalista e fanática dos discípulos. É na caminhada rumo a Jerusalém que os discípulos aprofundarão o sentido do seguimento. Jesus encorajará seus discípulos a

<sup>163</sup> RIUS-CAMPS. Op. cit. p. 182.

<sup>164</sup> BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 294 – 324. A cidade de Samaria foi construída por Amri, rei de Israel, que reinou de 876 a 869 a.C. A partir de então esta cidade passou a ser a capital do Reino do Norte até a sua queda em 721 a.C. Com o passar do tempo, passou-se a chamar de Samaria não só a cidade, mas a todo o território das dez tribos que formavam o Reino do Norte. Localizada sobre uma colina, a 67 quilômetros ao norte de Jerusalém. Situada a meio caminho do Jordão ao Mediterrâneo, a 12 km a noroeste de Siquém, próximo da entrada do Vale de Jezrael. Foi em Samaria que os profetas Elias e Eliseu exerceram seus ministérios. Politeístas, os samaritanos eram rejeitados pelos judeus.

<sup>165</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento**: Interpretado versículo por versículo, v.2, Lucas e João. São Paulo: Editora Hagnos, 2002, p. 98.

<sup>166</sup> PAGOLA, José Antonio, **Jesus**: aproximação histórica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 421-422.

mergulharem em si mesmos a fim de superarem os transtornos carregados por cada um desde antes de suas existências <sup>167</sup>.

Pagola destaca que para seguir Jesus é necessário ter espírito ousado, é preciso identificar-se com ele e compartilhar o seu modo de viver a missão. Para Jesus não há nada de mais importante ou decisivo. Por isso Lucas descreve três cenas (Lc 9,57-62), para que as comunidades que lerem seu Evangelho tomem consciência de que, aos olhos de Jesus nada pode haver de mais urgente e inadiável. Jesus emprega imagens duras e escandalosas. Vê-se que quer sacudir as consciências. Não procura ter mais seguidores, e sim seguidores mais comprometidos que o sigam sem reservas, que renunciem a falsas seguranças e assumindo as rupturas necessárias. Seguir Jesus significa caminhar, mover-se e dar passos atrás dele. Exige uma dinâmica de movimento. As primeiras gerações cristãs nunca esqueceram que ser cristão é seguir Jesus e viver como ele <sup>168</sup>.

Jesus vive para o Reino de Deus. Esta é sua verdadeira paixão. Por essa causa se desvela e luta; por essa causa é perseguido e executado. Seguir Jesus implica assumir a crucificação pelo Reino de Deus. É confiar no Pai de todos, invocar seu nome santo, pedir a vinda de seu reino e semear a esperança de Jesus contra toda esperança <sup>169</sup>.

### **A instrução do discipulado durante o Caminho**

Jesus é o modelo perfeito do Caminho. O Caminho de Jesus é a sua vida vivida em sua pessoa e em sua história. Portanto, aqui, a palavra “no caminho” mais que referência geográfica é *lugar-símbolo*. Estar em caminho com Jesus é comprometer-se com ele nas mais perigosas situações. E de fato estava ficando muito complicado caminhar com ele. Ele ia para Jerusalém o centro do poder. Suas palavras, gestos, ideias e posturas sobre a prática religiosa e a justiça social começavam a incomodar. Caminhando na concretude da vida Jesus vai ensinando seus discípulos.

“No interior da seção do caminho (Lc 9,51-19,46), Lucas introduz uma figura literária (quiasmo), que vai desde 10,25 até 18,30. A figura literária, marcas e paralelos, personagens e referências, que vamos encontrando nos indicam que, o gênero literário da obra de Lucas não é histórico, mas teológico. Ao tema da estrutura, agora abordado, poderíamos chamar de ‘A

<sup>167</sup> RIUS-CAMPS. Op. cit. p.179.

<sup>168</sup> PAGOLA, José Antonio. **O Caminho aberto por Jesus: Lucas**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 164-165.

<sup>169</sup> PAGOLA, José Antonio, **Jesus: aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 568-569.

**formação do discipulado**'. A partir de agora Jesus intensificará a instrução dos Doze sobre o ideal de discípulo que lhes quer inculcar”<sup>170</sup>.

**Um Traçado sinuoso – (10,25-18,30)<sup>171</sup>**

- A – *Direitos do homem e a vida eterna* 10, 25-37
- B – *Observar a Lei ou acolher a Jesus* 10,38-42
- C – *A oração de Jesus — O Pai Nosso* 11,1-13
- D – *A chegada do Reinado de Deus* 11,14-36
- E – *Puro e impuro: A verdadeira purificação* 11,37-54
- F – *Instrução contra o fanatismo* 12,1-13,9.
  - F1 – *aos discípulos* 12,1-53.
  - F2 – *às multidões* 12,54,13,9.
- G – *Libertação e ensino: o Reino* 13,10-30
- H – *Consumou-se a ruptura* 13,31-35
- G’ – *O banquete do Reino de Deus* 14,1-24
- F’ – *Instrução contra a doce atração das riquezas* 16,1-17,10
  - F2’ - *às multidões* 14,25-15,32.
  - F1’ – *aos discípulos* 16,1-17,10.
- E’ - *Puro e impuro: Os marginalizados pela instituição* 17,11-19
- D’ - *A chegada do Reinado de Deus* 17,20-37
- C’ – *Duas maneiras de orar* 18,1-14
- B’ – *A perfeita acolhida de Deus* 18,15-17
- A’ – *Outra vez a vida eterna* 18,18-30.

Rius-Camps destaca que terminada a instrução, Jesus retoma o caminho. “A estrutura apresentada é um compêndio sobre o verdadeiro discipulado”. O percurso sinuoso corresponde à passagem do povo de Israel pelo deserto. Agora nos encontramos diante da “terra prometida”: “Tomando consigo os Doze, disse-lhes: *Eis que subimos a Jerusalém e se cumprirá tudo o que foi escrito pelos Profetas a respeito do Filho do Homem*” (Lc 18,31). Trata-se do terceiro anúncio da paixão sobre o grande fracasso do Homem-Messias. “Mas eles não entenderam nada. Essa palavra era obscura para eles e não compreendiam o que ele dizia” (Lc 18,34)<sup>172</sup>.

### **3. Jesus enfrenta Jerusalém**

Depois de atravessar Jericó, seguiu pela estrada que sobe pelo wadi Kelt até chegar ao monte das Oliveiras. Era o melhor ponto para contemplar a cidade santa em todo seu esplendor e beleza. Os peregrinos emudeciam e choravam de alegria ao vê-la. No coração de Jesus

<sup>170</sup> RIUS-CAMPS. Op. cit. p.195-196.

<sup>171</sup> Idem: p.196-280.

<sup>172</sup> Ibidem: p. 281.



entremisturavam-se a alegria e a tristeza, o temor e a esperança <sup>173</sup>. “E, como estivesse perto, viu a cidade e chorou sobre ela, dizendo: *Ah! Se neste dia também tu conhecesses a mensagem de paz! Agora, porém, isso está escondido a teus olhos*” (Lc 19, 41-43).

A cidade, através de suas elites religiosas, não aceita a paz de Jesus. “Poucos dias após acontece algo muito grave. Jesus, que enquanto está em Jerusalém parece hospedar-se em Betânia, retorna à cidade e realiza a ação pública mais grave de toda a sua vida. De fato, é esta intervenção no templo que desencadeia sua detenção e rápida execução” <sup>174</sup>. Na narrativa de Lucas (19,45-48), o templo é casa de oração e não cabia atividades impuras e desonestas. “E, entrando no templo, começou a expulsar os vendedores, dizendo-lhes: *Está escrito: Minha casa será uma casa de oração. Vós, porém, fizeste dela um covil de ladrões!*”.

Para Pagola a ação de Jesus foi um ato simbólico. Sua intervenção no meio daquela grande esplanada durante um tempo curto pouco, importou em si mesma. O que Jesus pretende é atrair a atenção sobre algo que para ele é muito importante. Sua pretensão não é “purificar” o culto. Seu gesto é mais radical e profundo. Sua ação aponta para o desaparecimento da própria instituição religiosa. Seu gesto anuncia o juízo de Deus contra um sistema econômico, político e religioso que não agrada a Deus. O Templo não está a serviço da Aliança. Ninguém defende a partir dele os pobres nem protege os bens e a honra dos mais vulneráveis. Está se repetindo o que Jeremias condenava em seu tempo: “Esse templo, onde o meu Nome é invocado, será porventura um *covil de ladrões* a vossos olhos?” (Jr 7,11). O gesto de Jesus é uma “destruição” simbólica e profética. O Deus dos pobres e excluídos não reina nem reinará a partir desse templo: jamais legitimará esse sistema. Com a vinda do reino de Deus, o templo perde sua razão de ser <sup>175</sup>.

### **Jesus é preso, condenado e morto**

A atuação de Jesus foi longe demais. Também Jesus sabe que suas horas estão contadas. Mesmo assim, não pensa em se esconder. Continuava frequentando o templo, durante o dia, dando as últimas instruções ao povo, como um todo, e aos seus discípulos, em particular. “Cuidado com os escribas que sentem prazer em circular com togas, gostam de saudações nas praças públicas, dos primeiros lugares de honra nos banquetes, que devoram as casas das viúvas e simulam fazer longas orações. Esses receberão uma sentença mais severa”. (Lc 20,45-46).

---

<sup>173</sup> PAGOLA. Op. cit. p.422.

<sup>174</sup> Idem: p. 428.

<sup>175</sup> Ibidem: p.431-433.

Sabendo-se procurado, sabedor dos perigos que o cercam e aos seus discípulos, Jesus organiza uma ceia especial de despedida de seus amigos. “Veio o dia dos ázimos, quando devia ser imolada a páscoa. Jesus então enviou Pedro e João, dizendo: Ide preparar-nos a páscoa para comermos” (Lc 22,7-8). Consciente da iminência de sua morte, Jesus quer compartilhar com os seus, sua confiança total no Pai, inclusive nesta hora. Quer prepará-los para um golpe tão duro; sua execução não deve mergulhá-los na tristeza e no desespero. Nessa noite Jesus não se retira para Betânia, como nos dias anteriores. Permanece em Jerusalém, junto com os seus amigos.

Lucas contrapõe a entrega total de Jesus aos seus à traição, luta pelo poder e apostasia do grupo. Na ação do partir o pão e compartilhá-lo com seus discípulos, polarizou a total disponibilidade e doação de Jesus aos seus: “Isto é o meu corpo” (Lc 22,19b). Com esta ação, ponto culminante de seu ensinamento, convida os discípulos a se darem também eles, não com palavras, mas de fato, ainda que isso lhes custe a própria vida. Mas o grupo ainda não está preparado nem de longe para uma libertação como essa <sup>176</sup>.

“Ele saiu e, como de costume, dirigiu-se ao monte das Oliveiras. Os discípulos o acompanharam. Chegando ao lugar, disse-lhes: ‘Orai para não entrardes em tentação’. E afastou-se deles mais ou menos a um tiro de pedra, e, dobrando os joelhos, orava: *Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!*” (Lc 22,39-42). Enquanto Jesus está prostrado, com o rosto por terra, tomado de uma terrível angústia, experimentando, um após outro, o medo, o desgosto, o abatimento, seus discípulos dormem, desinteressando-se de sua sorte.

Jesus “erguendo-se após a oração, veio junto dos discípulos e encontrou-os adormecidos de tristeza <sup>177</sup>. E disse-lhes: Por que estais dormindo? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação!” (Lc 22, 45-46).

<sup>176</sup> RIUS-CAMPS. Op. cit. p. 328.

<sup>177</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento**: Interpretado versículo por versículo, v.2, Lucas e João. São Paulo: Editora Hagnos, 2002, p. 217. Lucas condensa muito a história. Ele diz que Jesus chegou a «seus discípulos» e os achou dormindo *de tristeza* (o que os outros evangelistas não dizem), e Jesus os repreende por uma única vez. Marcos (seguido por Mateus), diz que Jesus se dirigiu a Pedro, tendo-o repreendido por não poder «vigiar por uma hora». Então Marcos passa a descrever duas outras «voltas» e «repreensões» de Jesus, e Mateus segue esse esboço bem de perto. Lucas simplesmente abrevia a história, e permite apenas uma volta e uma repreensão bem geral.

«...*de tristeza*...» Lucas deve ter querido dizer que o peso da tristeza drenou as energias espirituais dos discípulos, deixando-os exaustos e sonolentos. É próprio de muitas pessoas dormirem quando em profunda tristeza. Sabemos hoje em dia que os sonhos, por aliviarem as experiências traumáticas, são capazes de aliviar a tristeza e as crises. As pessoas, mesmo que não saibam disso, naturalmente buscam dormir em meio às suas tristezas, embora o façam relutantemente e em meio a emoções agitadas. Lucas, ao adicionar essa ideia de tristeza, uma vez mais poupa aos «doze», mitigando-lhes a culpa. Os demais evangelistas, entretanto, não se importam em suavizar a culpa dos apóstolos.

Rius-Camps acentua que enquanto Jesus ainda falava (Lc 22,46), interrompe-o a algazarra da multidão capitaneada por Judas, um dos Doze, que, aproximando-se o beija. O beijo, neste contexto, simboliza a traição, por parte de Judas<sup>178</sup>. A resposta de Jesus a Judas é clara: “Judas, com um beijo entregas o Filho do Homem?” (Lc 22,48).

“O episódio ensina que Jesus se entregou voluntariamente. Ele sabia que seria muito difícil ocultar-se, e, afinal, seu tempo havia chegado. Portanto, não fugiu. Sabia que a turba vinha prendê-lo. Sua agonia no jardim restaurara sua compostura; a vitória sobre o medo fora obtida”<sup>179</sup>. Então, “prenderam-no e levaram-no, introduzindo-o na casa do Sumo Sacerdote. Pedro seguia-o de longe” (Lc 22,54)<sup>180</sup>.

Jesus tendo sido conduzido até o Sumo Sacerdote, e outras autoridades, foi interrogado, julgado, torturado, maltratado, escarnecido, depois de ser levado para fora da cidade foi crucificado entre dois outros homens, como “o Rei dos Judeus”. Ficou pendurado numa cruz durante horas. Entregando voluntariamente seu espírito, morreu. “Era já mais ou menos a hora sexta quando o sol se apagou, e houve treva sobre a terra inteira até à hora nona, tendo desaparecido o sol. O véu do Santuário rasgou-se ao meio, e Jesus deu um forte grito: “*Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito*”. Dizendo isso expirou” (Lc 23,44-46).

#### 4. Jesus é Ressuscitado por Deus

Lucas, no conjunto narrativo do capítulo 24 de seu Evangelho, vai estabelecer, em seis perícopes, a continuidade entre os fatos do ministério terrestre de Jesus e os primórdios da Igreja primitiva apresentado nos Atos dos Apóstolos. O teor teológico do relato é, a um só tempo, conclusivo de uma época e introdutório de outra. Diferentemente de Mateus e Marcos, Lucas faz a opção de localizar suas cristofanias em Jerusalém<sup>181</sup>.

“Jerusalém é um tema teológico fundamental, em Lucas, enquanto ponto de junção entre o povo de Israel e a comunidade primitiva. Ele deve situar aí os primórdios da fé cristã, no prolongamento da fé do povo judeu, de maneira a fazer ressaltar que a obra de salvação empreendida por Deus junto a seu povo se realiza em Jesus e se prolonga através da Igreja. É

<sup>178</sup> RIUS-CAMPS. Op. cit. p. 334.

<sup>179</sup> CHAMPLIN. Op. cit. p. 218.

<sup>180</sup> Idem: p. 219. Lucas «poupa aos doze», uma vez mais, omitindo as palavras que figuram em Marcos, «Então, abandonando-o, fugiram todos» (Mc14,50).

<sup>181</sup> MAINVILLE, ODETTE. **As Cristofanias do Novo Testamento: historicidade e teologia**. São Paulo: Loyola, 2012, p.58.

em Jerusalém que se dá o encontro com o Ressuscitado marcando o início da comunidade primitiva”<sup>182</sup>.

No primeiro dia da semana, muito cedo ainda, elas foram ao sepulcro, levando os aromas, que tinham preparado. Encontraram a pedra do túmulo removida, mas, ao entrar, não encontraram o corpo do Senhor Jesus. Ao voltarem do túmulo, anunciaram tudo isso aos Onze, bem como a todos os outros [...]. Eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago. As outras mulheres que estavam com elas disseram-no também aos apóstolos; essas palavras, porém, lhes pareceram desvario, e não lhes deram crédito [...]. Pedro, contudo, levantou-se e correu ao túmulo, inclinando-se, porém, viu apenas os lençóis. E voltou para casa, muito surpreso com o que acontecera” (Lc 24,1-3.9-12). Assim Lucas inicia sua narrativa evangélica da ressurreição de Jesus e do processo que levou seus discípulos a crerem, superando dúvidas, incertezas, interrogações e perplexidades, na “ressurreição do Filho do Homem” (Lc 9,22-27).

Na sequência Lucas apresenta a cristofania dos dois discípulos de Emaús (Lc 24,13-32). Esse relato foi concebido de maneira a servir de ponto de junção entre o profeta Jesus do Evangelho e a função gloriosa do Messias dos Atos dos Apóstolos. A intenção de Lucas é orientar os discípulos ao encontro pessoal com o Cristo Vivo e Ressuscitado<sup>183</sup>.

Porém, nem o testemunho das mulheres, nem a cristofania aos discípulos de Emaús poderiam ser considerados como reconhecimento oficial junto à comunidade. A legitimação da missão de evangelização em nome de Jesus só era possível à identificação oficial do Ressuscitado. Era preciso que os escolhidos e formados por Jesus de Nazaré, pudessem testemunhar o fato de que ele estava vivo. Por isso receberam, de maneira inequívoca, um imponente leque de indícios de que Jesus havia ressuscitado (Lc 24,33-43). Depois de ter fornecido as provas “irrefutáveis” de sua identidade, o Ressuscitado podia, enfim, entregar o ensinamento que ele destinava aos seus (Lc 24,44-49)<sup>184</sup>.

Na ressurreição de Jesus foi alcançada uma nova possibilidade de ser homem, uma possibilidade que interessa a todos e abre um futuro, um novo gênero de futuro para os homens. Por isso Paulo ligou inseparavelmente entre si a ressurreição dos cristãos e a ressurreição de Jesus. “Se, de fato, os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou [...]. Mas não. Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram” (1 Cor 15,16.20). A ressurreição de Cristo ou é um acontecimento universal ou não existe: diz-nos São Paulo.<sup>185</sup>

A ressurreição é o fato que determina a reflexão cristológica do N. T. Por ser um fato de caráter universal, perpassará e iluminará a leitura que os primeiros cristãos farão da história

<sup>182</sup> Ibidem: p. 59.

<sup>183</sup> Ibidem: p. 163.

<sup>184</sup> Ibidem: p. 60.

<sup>185</sup> BENTO XVI, Papa. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, p. 220.

salvífica da relação de Deus com toda a humanidade. Se a ressurreição aparece na história de Jesus como a última e definitiva palavra de Deus sobre a pessoa humana, a fé cristã, então, dirá que Jesus é o princípio de todas as coisas e o desígnio do projeto salvífico de Deus desde toda a eternidade <sup>186</sup>.

O último gesto do Ressuscitado, antes de retornar ao Pai, foi abençoar seus discípulos. Eles respondem ao gesto de Jesus voltando a Jerusalém, ao Templo, com grande alegria. E ficaram ali bendizendo, continuamente, a Deus.

Depois, levou-os até Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os. E enquanto os abençoava, distanciou-se deles e era elevado ao céu. Eles ficaram prostrados diante dele, e depois voltaram a Jerusalém com grande alegria, e estavam continuamente no Templo, louvando a Deus (Lc 24,50-53).

Lucas conclui seu Evangelho narrando que depois de muitas falhas e incompreensões, os apóstolos tinham acabado por compreender a mensagem de Jesus, tinham realizado o seu êxodo pessoal e comunitário fora do judaísmo rumo ao mundo pagão. Esses relatos, porém, serão descritos com profusão de pormenores no segundo livro, nos Atos dos Apóstolos <sup>187</sup>.

---

<sup>186</sup> COSTA. Op. cit. p. 178.

<sup>187</sup> RIUS-CAMPS. Op. Cit. p. 360.

## CONCLUSÃO

Ao discorrer sobre a Transfiguração de Jesus e de como esse acontecimento se tornou determinante para o despertar do discipulado, a partir do Evangelho de Lucas, fez-se necessário compreender como Lucas inter-relaciona os principais eventos de seu Evangelho com os dos Atos dos Apóstolos. O Evangelho de Lucas constitui a primeira parte de uma obra maior, que encontra sua continuidade nos Atos dos Apóstolos. Essa obra tem Jerusalém como centro de sua narrativa. Ora como ponto de chegada, no Evangelho, ora como ponto de partida, nos Atos dos Apóstolos.

Partindo dessa perspectiva, Atos dos Apóstolos, como ponto de partida da evangelização do mundo, Lucas vai atribuir a Pedro a primazia dessa evangelização. Além disso, Lucas quer vincular a sua comunidade com a comunidade primitiva de Jerusalém. Desse modo, nas narrativas de Lucas, as outras comunidades que surgirão no mundo, serão continuidade da comunidade de Jerusalém. Finalmente a obra termina em Roma, projetando, talvez, uma possível universalização da mensagem de Jesus <sup>188</sup>.

Segundo Rabuske, Lucas, nos Atos dos Apóstolos, elabora, a seu modo, uma história das origens cristãs. Não se trata de uma história segundo nossa compreensão moderna. A narrativa tem um caráter especificamente teleológico. Lucas pretende, mediante uma narrativa teológica, apresentar a evolução da Igreja em suas origens. Isso ajuda os cristãos de suas comunidades a perceberem as próprias raízes de sua identidade. Pode-se encontrar nesta história, como o Espírito e a Palavra se expandem desde a Palestina até os confins do mundo. A tese de Lucas é a de que existe um nexo de continuidade, ininterrupto, desde o primeiro anúncio de Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16ss), passando pelo anúncio feito pelos apóstolos em Jerusalém e na Palestina, estendendo-se até às comunidades helenísticas da Grécia, Ásia e, por fim, na própria capital do império, Roma. Atinge-se assim o que programaticamente é dito em At 1,8: “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra” <sup>189</sup>.

A partir dessas considerações procuramos produzir uma narrativa, ainda que aquém do pretendido, sobre o contínuo agir de Deus na história dos homens. No primeiro capítulo apresentamos a Encarnação de Jesus, como uma iniciativa divina. No segundo capítulo tratamos

<sup>188</sup> COMBLIN, José. **Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 12-13.

<sup>189</sup> RABUSKE, Irineu José. **A Igreja em suas Origens: Revisitando os Atos dos Apóstolos**. In: Teocomunicação – PUCRS – ISSN 0103-314X. Vol. 42, 2012, p. 16-17.

da instituição do ministério de Jesus. Ele foi ungido pelo Espírito Santo, é o Profeta de Deus, o Cristo de Israel. No terceiro capítulo apresentamos a Transfiguração de Jesus como revelação da identidade de Deus.

Recorrendo às palavras de Santo Agostinho sobre a teofania da Transfiguração: “Pedro ainda não tinha compreendido isso ao desejar viver com Cristo sobre a Montanha. Ele reservou-te isto, Pedro, para depois da morte. Mas agora Ele mesmo diz: Desce para sofrer na terra, para servir na terra, para ser desprezado, crucificado na terra. A Vida desce para fazer-se matar; o Pão desce para ter fome; o Caminho desce para cansar-se da caminhada; a Fonte desce para ter sede; e tu recusas sofrer?” (Sermão 78,6).

Essas palavras se cumprem em Jerusalém. A caminhada dos Doze, junto de Jesus, chegou ao fim. Pedro e os outros discípulos estão arrasados, tristes e morrendo de medo. Aqueles homens e mulheres, outrora alegres, cheios de confiança e esperança, dispostos a morrerem pelo Messias: “Senhor, estou pronto a ir contigo à prisão e à morte” (Lc 22,33), que aceitaram o convite de Jesus, viveram a experiência pessoal e comunitária de estar na presença do Senhor e que com ele conviveram intimamente, saboreando o mistério, murcharam.

Lucas, magistralmente, nos oferece um evento que ilustra, por si só, esse estado de espírito dos discípulos: o episódio de Emaús (Lc 24,13-36).

Vejamos: Após a morte de Jesus, dois discípulos se põem a caminho de Emaús. Caminham com ar abatido. Sentiam muita tristeza, amargura e saudades do Mestre, mas não acreditavam mais nele. A fé em Jesus havia se apagado. Conversavam entre si sobre os últimos acontecimentos: Enquanto caminham, o Ressuscitado “se aproxima”, se faz presente na conversa e se põe a andar com eles. Jesus os convida a recordar “o que aconteceu”. Os dois discípulos reavivam sua memória e relembram tudo. Falam ao desconhecido sobre “Jesus de Nazaré”: “Foi um profeta poderoso... Nós esperávamos que fosse ele quem redimiria Israel... *Então ele lhes disse: Insensatos e lentos para crer tudo o que os profetas anunciaram! Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?*” (Lc 24, 19.21.25-26).

Para Pagola, o que Lucas sugere é de grande importância. Lá onde um grupo de pessoas caminha pela vida procurando descobrir o significado das palavras e obras do profeta Jesus de Nazaré, lá onde se faz memória de sua paixão e se ouve a notícia de sua ressurreição..., ali se faz presente o Ressuscitado <sup>190</sup>.

---

<sup>190</sup> PAGOLA. Op. cit. p. 559-561.

Outro “*lugar de encontro*” com o Senhor acontece na escuta da Palavra de Jesus: “Começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou lhes em todas as Escrituras, o que a ele dizia respeito” (Lc 24, 27). Um terceiro “*lugar de encontro*” realiza-se no partir do pão: “E, uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e deu-o a eles. Então seus olhos se abriram, e o reconheceram” (Lc 24, 30-31). E, finalmente, Jesus se “*faz presente*” na comunidade e na missão: “Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém. Acharam aí reunidos os Onze e seus companheiros... E eles narraram os acontecimentos do caminho, e como o haviam reconhecido na fração do pão. Falavam ainda, quando ele próprio se apresentou no meio deles e disse: *A paz esteja convosco!*” (Lc 24, 33. 35-36).

O encontro com Jesus Cristo vivo transformou o medo dos discípulos em coragem. Pedro lembrou-se das palavras do Mestre: “Não tenhas medo!” (Lc 5,8) e a tristeza deu lugar a alegria. A experiência vivida e a conseqüente transformação por que passaram os discípulos se deu pela ação do Espírito Santo, derramado que foi em Pentecostes. O Espírito Santo foi preparando os corações dos discípulos conforme eles mesmos, aos poucos, abriam espaço, a partir do desejo e saudade que tinham de estar com Jesus. Jesus se aproxima dos seus de maneira tranquila, sossegada e despercebida. O Espírito Santo é que capacita os discípulos a criar espaço de diálogo e confiança <sup>191</sup>.

A ressurreição de Jesus é para nós a razão última e a força diária de nossa esperança. Seguindo os passos daqueles que foram testemunhas vivas desse acontecimento, temos alento para trabalhar por um mundo mais humano, segundo o coração de Deus, e o que nos faz esperar confiantes sua salvação. No Ressuscitado descobrimos a intenção profunda de Deus confirmada para sempre: uma vida plenamente feliz para toda a criação, uma vida libertada para sempre do mal. A vida vivida a partir de sua Fonte <sup>192</sup>.

Afinal de contas, nossa fé está mergulhada nas raízes da Palavra do Deus fiel que proclama constantemente e a todos os quadrantes da história humana: Não temas! Porque “*Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!*” (Mt 28,20). E ainda: “*Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim; e a quem tem sede eu darei gratuitamente da fonte de água viva*” (Ap 21,6). “*Sim, venho muito em breve!*” (Ap 22,20).

Amém! Vem, Senhor Jesus!

---

<sup>191</sup> KUDLAWICZ, Luciane; BOFF, Clodovis. **Os Encontros com Jesus nos Evangelhos**: Elementos para a “Iniciação à Vida Cristã” hoje. Caderno teológico da PUCPR, Curitiba, vol. 1, Nº 1, 2013, p.124-162.

<sup>192</sup> PAGOLA. Op. cit. p. 572.



## REFERÊNCIAS

- BARBAGLIO, Giuseppe. **As cartas de Paulo II**. São Paulo: Loyola, 1991.
- BARREIRO, Álvaro, SJ. **Do Jordão a Betânia**: Contemplando os mistérios da vida pública de Jesus. São Paulo: Loyola, 1993.
- BENTO XVI, Papa. **Jesus de Nazaré**: primeira parte: do Batismo no Jordão à Transfiguração. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Jesus de Nazaré**: da entrada em Jerusalém até a ressurreição. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. Nova edição, revista e ampliada.
- BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BROWN, Raymond E. **O Nascimento do Messias**: Comentários das narrativas da infância nos Evangelhos de Mateus e Lucas. São Paulo, Paulinas: 2005.
- CANTALAMESSA, Raniero. **“Isto é o Meu Corpo”**: À luz de dois hinos eucarísticos, São Paulo: Loyola, 2008.
- \_\_\_\_\_. **O Verbo se faz carne**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2012.
- CARTER, Warren. **O Evangelho de São Mateus**: Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2002.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento**: Interpretado versículo por versículo, v.1, Mateus e Marcos, São Paulo: Editora Hagnos, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O Novo Testamento**: Interpretado versículo por versículo, v.2, Lucas e João. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.
- COMBLIN, José. **Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- COSTA, José Anchieta Lima. **Conhecer Jesus**: A Cristologia ao Alcance de Todos. São Paulo: Loyola, 2009.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: O dicionário da língua portuguesa. 8. Ed. Curitiba: Editora Positivo, 2010.
- DUQUOC, Christian. **Cristologia**: ensaio dogmático I. São Paulo, Edições Loyola, 1977.
- GUTIÉRREZ Gustavo. **O Deus da Vida**. São Paulo: Loyola, 1992.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O Evangelho de São Lucas: Cadernos de Estudo Bíblico.** Campinas SP: Ecclesiae, 2015.

HORLEY, Richard A. **Jesus e o Império: O Reino de Deus e a nova desordem mundial.** São Paulo: Paulus, 2004.

IWASHITA, Pedro K. **Moral e ética cristã: caminho de sabedoria em um mundo fluido e em conflito.** In: Revista de Cultura Teológica. n. 84, 2014.

JEREMIAS Joachim. **As Parábolas de Jesus.** São Paulo, Paulus, 2016.

KODELL, Jerome; BERGANTE, Dianne; KARRIS, Robert J. (Org.) **Comentário Bíblico - vol. 3.** São Paulo: Loyola, 2012.

KUDLAWICZ, Luciane; BOFF, Clodovis. **Os encontros com Jesus nos Evangelhos: Elementos para a “Iniciação à Vida Cristã” hoje.** Caderno teológico da PUCPR, Curitiba, vol. 1, Nº 1, 2013.

LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia.** São Paulo:Edições Loyola, 2008.

MARCONCINI, Benito. **Os Evangelhos Sinóticos: Formação, Redação, Teologia.** São Paulo: Paulinas, 2012.

MAINVILLE, ODETTE. **As cristofanias do Novo Testamento: historicidade e teologia.** São Paulo: Loyola, 2012.

MEIER, John P. **Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico, volume 2, livro 1; mentor.** Rio de Janeiro: Imago ed. 1996.

\_\_\_\_\_. **Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico, volume 3, livro 1; companheiros.** Rio de Janeiro: Imago ed. 1996.

MIRANDA, Mário de França. Org. **A pessoa e a mensagem de Jesus.** São Paulo: Loyola, 2002.

NEGRO, Mauro. **Virgindade e Justiça: Tópoi de Mateus e Lucas.** In: Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 9, n. 16, jul/dez, 2015.

\_\_\_\_\_. **O Justo José: A vocação de José, no relato de Mateus.** In: Revista de Cultura Teológica, v. 20. n. 77, JAN/MAR 2012.

PAGOLA, José Antonio. **O Caminho aberto por Jesus: Lucas.** Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Jesus: aproximação histórica.** Petrópolis: Vozes, 2014.

QUEIROZ, Dom Antônio Celso. **A Leitura Profética da História.** São Paulo: Loyola, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Leitura Orante da Bíblia.** São Paulo: Loyola, 1990.

\_\_\_\_\_. **Seguir Jesus:** os Evangelhos. São Paulo: Loyola, 1994.

RABUSKE, Irineu José. **A Igreja em suas Origens:** Revisitando os Atos dos Apóstolos. In: Teocomunicação – PUCRS – ISSN 0103-314X. Vol. 42, 2012.

RIUS-CAMPS, Josep. **O Evangelho de Lucas:** O êxodo do homem livre. São Paulo: Paulus, 1995.

SOBRINHO, Jon. **Jesus, o libertador I:** A história de Jesus de Nazaré. São Paulo: Vozes, 1994.